

unesp 

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



Laura Beatriz Batista Vieira

**A EDUCAÇÃO FÍSICA E O PROFESSOR ESPECIALISTA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Bauru

2018



LAURA BEATRIZ BATISTA VIEIRA

**A EDUCAÇÃO FÍSICA E O PROFESSOR ESPECIALISTA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a FERNANDA ROSSI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Bauru, para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Bauru

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, pelo apoio tanto emocional quanto financeiro, principalmente minha mãe Simone, minha tia Fátima e minha irmã Júlia.

Agradeço aos amigos que fiz dentro da faculdade, principalmente à Rafael, Letícia, Júlia e Yago, por estarmos juntos nessa jornada desde o começo.

Agradeço a João Gilberto, meu namorado, que me deu todo o suporte e a calma que eu precisava nesta reta final.

Agradeço a minha orientadora Dra. Fernanda Rossi, por toda a paciência, ajuda e tempo dedicados nestes dois anos.

Por fim agradeço a todos que contribuíram de forma indireta ou direta para a conclusão de meu trabalho.

*I owned every second that this world could give
I saw so many places, the things that I did
Yeah with every broken bone
I swear I lived*

(OneRepublic)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar as perspectivas e dificuldades de professores de Educação Física a respeito da atuação na Educação Infantil. A investigação foi fundamentada de acordo com a abordagem qualitativa de pesquisa. As entrevistas foram realizadas com três professores, dois homens e uma mulher, que atuavam na educação infantil, na rede particular e na rede municipal. Um deles lecionava na cidade de Barra Bonita, enquanto a professora e o outro professor na cidade de Bauru, estado de São Paulo. Os resultados apontaram a percepção dos professores em relação a uma defasagem na formação inicial no que se refere à atuação na Educação Infantil, bem como a necessidade de busca por cursos de formação continuada. A discussão em torno da temática sobre professores generalistas e professores especialistas indica que este ainda é um tema muito discutido, havendo controvérsias entre os professores e estudiosos, bem como entre os participantes da pesquisa. Nesse sentido, é de suma importância a formação continuada para os professores de Educação Física que atuam na Educação Infantil, assim como refletir sobre uma melhor forma de trabalhar a interdisciplinaridade dentro âmbito escolar. Concluímos que, para esses professores, a graduação em educação física, licenciatura, ainda não contempla os conhecimentos necessários para a atuação na Educação Infantil, o que é refletido quanto às dificuldades de atuação, tornando a necessidade de os professores buscarem cursos de formação continuada e espaços de discussões. Ao retomar a discussão em torno “do professor especialista x professor generalista”, como relatado pelos professores, ainda existe um grande distância entre estes docentes, o que pode acabar resultando no aprendizado segmentado dos alunos para que dessa forma estejamos cada vez mais focados com o bem-estar do aluno e sua formação, trabalhando de forma interdisciplinar.

Palavras-chave: Educação Infantil, Professores especialistas, Educação Física.

ABSTRACT

The objective of this research was to analyze the perspectives of Physical Education teachers regarding their role in Early Childhood Education. The research was substantiated according to the qualitative research approach. The interviews were conducted with three teachers, two men and one woman, who work in early childhood education, in the private network and in the municipal network. One of them teaches in the city of Barra Bonita, while the teacher and the other teacher in the city of Bauru, state of São Paulo. The results pointed out the teachers' perception regarding a lack of initial training in relation to the work in Early Childhood Education, as well as the need to search for continuing education courses. The discussion around the topic of generalist teachers and expert teachers indicates that this is still much discussed topic, where there is much controversy among teachers and scholars about how best to work. It is concluded that continuing education for physical education teachers who work in early childhood education is of great importance, as well as reflecting on a better way of working interdisciplinarity within the school environment. We conclude that, for these teachers, the undergraduate degree in physical education, undergraduate degree, still does not contemplate the necessary knowledge to perform in Early Childhood Education, which is reflected in the difficulties of acting, making the need for teachers to pursue continuing education courses and spaces of discussion. When resuming the discussion around "the teacher specialist x teacher generalist", as reported by the teachers, there is still a great distance between these teachers, which may end up in the segmented learning of the students.

Keywords: Early Childhood Education, Teachers, Physical Education.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	8
2-REVISÃO DA LITERATURA.....	11
2.1- Educação Infantil	11
2.2- Formação e atuação do professor de educação física na educação infantil	16
3- METODOLOGIA	21
4- ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	23
4.1- A formação inicial e as bases para atuação na Educação Infantil.....	23
4.2- Atuação profissional e Conteúdos	25
4.3- Formação continuada.....	27
4.4- Professor especialista x professor generalista.....	30
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	37
APÊNDICE B - ROTEIRO DE PERGUNTAS	38
APÊNDICE C - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	39

1-INTRODUÇÃO

O meu interesse acerca da temática da dificuldade inicial de professores de Educação Física deu-se num primeiro momento pela participação no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/CAPES). No programa tive a oportunidade de estar inserida em uma escola de ensino fundamental – anos iniciais e pude perceber a dificuldade das crianças do primeiro ano em se adaptarem aos horários e a dinâmica desta etapa, já que na Educação Infantil elas estavam habituadas à mudança de atividades a cada meia hora. Isto implicava, muitas vezes, na dificuldade de manter os alunos muito tempo em uma só prática.

Com o meu interesse despertado por essas crianças que acabaram de fazer a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, decidi então realizar meu estágio supervisionado em uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). Lá pude notar a dificuldade das pedagogas quando chegava a hora do “movimento”. Conversando com algumas delas e com a diretora da escola, elas sempre ressaltavam o quanto era importante a presença de um professor de Educação Física no ambiente escolar e como achavam que fazia falta a presença do professor especialista.

Diante desta experiência surgiu o seguinte questionamento: quais são as perspectivas de professores de Educação Física a respeito da atuação na Educação Infantil? E quais são as dificuldades enfrentadas pelo professor de Educação Física em início de carreira na Educação Infantil?

Para Ayoub (2005), os conteúdos relacionados à Educação Física Infantil são tratados de forma reduzida dentro dos cursos de formação de professores, o que faz com que as pessoas acreditem que sua função é somente proporcionar um “momento de brincadeira” (sempre ligada a hora do parque), ou ainda o “momento do corpo”, o qual enfatiza as discussões sobre dicotomia corpo e mente, já que acabamos por desassociar o corpo da mente nas práticas pedagógicas.

Segundo Bassei (2008) o corpo adquire papel fundamental na infância, já que é por ele que a criança se expressa e cria vínculos com o mundo. Dessa forma, não é possível pensar no corpo de forma desvinculada da mente, nem mesmo considerá-lo como uma forma mecânica de movimento. Como nos afirma Santin (1987, p. 34) “o

movimento humano pode ser compreendido com uma linguagem, ou seja, como capacidade expressiva”, o que nos leva a uma concepção muito mais ampla do que a do mecanicismo.

A criança, pelo seu corpo, se expressa e interage, de forma a criar novas culturas. Essas culturas estão embasadas em valores como a ludicidade e a criatividade das novas experiências de movimento (SAYÃO, 2002, p.4).

Isto nos leva a concluir que as práticas escolares necessitam respeitar, entender e receber o universo infantil, possibilitando acesso a outras formas de produção de conhecimento, que não apenas os de natureza intelectual, que são fundamentais para o desenvolvimento infantil.

Mediante essa visão pontuamos cada vez mais a importância de oferecer às crianças, ainda na Educação Infantil, o maior número possível de experiências relacionadas ao movimento corporal, para que, dessa forma, elas possam desenvolver sua própria relação com a cultura do movimento (dá-se pela relação entre corpo, natureza e cultura. É um conhecimento que se desenvolve ao longo da vida) e incorporar as vivências ao seu próprio mundo.

De acordo com Scheler(1975) citado por BAECKER (2001), os significados dos movimentos que podem ser explorados pelas crianças são: 1 Explorar (significado exploratório); 2 Configurar (significado produtivo); 3 Entender-se (significado comunicativo); 4 Comparar-se (significado comparativo, experienciar-se a si mesmo); 5 Expressar-se (significado expressivo); 6 Esforçar-se (significado adaptativo).

Dessa forma, temos a construção do significado de movimento que leva em conta o processo como elemento fundamental, no qual o movimento é considerado, dentro da Educação Infantil na Educação Física, como uma forma de expressão cultural, sendo que podemos compreender o contexto no qual a criança está inserida.

O ensino “não pode ser concebido como uma mera aplicação de normas, técnicas e receitas pré-estabelecidas, mas como um espaço de vivências compartilhadas, de busca de significados, de produção de conhecimento e de experimentação na ação” (SACRISTÁN, GÓMES, 2002, p. 86).

Diante do contexto acima, o objetivo desta pesquisa consistiu em analisar as perspectivas e dificuldades de professores de Educação Física a respeito da atuação na Educação Infantil.

Pesquisas que investiguem a atuação do profissional de Educação Física na Educação Infantil são relevantes para reflexão em torno da inserção do profissional especialista nesta etapa de ensino, o que já ocorre em alguns sistemas educacionais, porém, a maioria conta com professores pedagogos para mediar os conhecimentos desta área de conhecimento, bem como para as reflexões sobre as perspectivas e dificuldades desses profissionais especialistas relacionadas ao processo pedagógico com as crianças pequenas. Esperamos, por fim, contribuir para fomentar outros estudos acerca da docência na Educação Infantil.

2-REVISÃO DA LITERATURA

2.1- EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Araújo (1996) a criança tem sido há algum tempo submetida a um processo de desapropriação, no qual vem ocorrendo uma quebra como ser, não pensando-a como um ser com relações sociais.

Diante dessa afirmação podemos notar que a infância vem sendo tratada como uma fase de preparação para a vida adulta e não uma fase de desenvolvimento em si (KRAMER, 1995).

Segundo Wajskop (1995, p.15) a educação infantil é uma “instituição com possibilidades de desenvolver um trabalho criativo e ao mesmo tempo formador de crianças sujeitos de seu próprio acontecer histórico”, e somente há pouco tempo tem seu valor reconhecido.

Somente no fim da década de 90 a educação infantil passou a ser ampliada. Este direito às crianças é afirmado na Constituição de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. Também está explícito nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil e no Plano Nacional de Educação.

A partir dessa nova fase, a educação infantil começou a ser direito das crianças, obrigação do Estado e uma escolha da família, e toma o lugar de primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral nos aspectos físicos, intelectual, psicológico e integral da criança (KRAMER, 2006, p.22).

Ainda segundo Kramer (200, p.49)

[...] propiciar o desenvolvimento infantil, considerando os conhecimentos e valores culturais que a criança já tem, e progressivamente, garantindo a ampliação dos conhecimentos, de forma a possibilitar a construção da autonomia, cooperação, criticidade, criatividade, responsabilidade, e a formação de autoconceito positivo, contribuindo, portanto, para a formação da cidadania (p.49)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) enfatiza que:

Art.54.- É dever do Estado assegurar a criança e ao adolescente:

I- Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que não tiveram acesso na idade própria; [...]

IV Atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade; [...]. (BRASIL, 1990, p.23)

A Educação Infantil passa a ser exigida para as crianças de 4 e 5 anos apenas com a Emenda Constitucional nº 59/2009 que determina a obrigatoriedade da Educação

Básica dos 4 aos 17 anos. Essa obrigatoriedade é incluída na LDB em 2013, consagrando plenamente a necessidade de matrícula de todas as crianças de 4 e 5 anos em instituições de Educação Infantil.

A partir da criação do ECA, as crianças e os adolescentes passaram a ser considerados sujeitos que possuem direitos, “não podendo ser tratados como objeto passivo de intervenção da família, da sociedade e do Estado” (COSTA, 1992, p. 14).

Neste mesmo contexto temos a Constituição de 1988, que no Art. 205, coloca a educação como direito de todos e dever do Estado e da família. Já no Art. 206, do mesmo documento, o destaque é para os princípios democráticos, que norteiam a educação como: igualdade de condições, não só para o acesso, mas também para a permanência na escola: a liberdade de aprender; ensinar e divulgar o pensamento: pluralismo de ideias e concepções pedagógicas: a coexistência de instituições públicas e privadas: a existência de ensino público gratuito e gestão democrática do ensino público. (BRASIL, 1988, p. 124)

Para orientar os currículos e o trabalho pedagógico dos professores da Educação Infantil o Ministério da Educação e do Deporto criou o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI), no ano de 1998.

Neste documento estão definidas metas de qualidade para a educação infantil de forma a evoluir o desenvolvimento integral as crianças, suas identidades e sua capacidade com cidadãos. É um documento relevante que nos mostra o estado da educação infantil no Brasil, apesar de expor uma realidade muito distante do que temos nas escolas de rede pública hoje, por falta de diálogo para sua construção (PALHARES; MARTINEZ, 2007, p.7).

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998, p.19) o movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo. O impacto cultural pode ser notado acerca destes mínimos detalhes gestuais e de expressões faciais juntamente com os movimentos que são desenvolvidos ao manusear determinados objetos na vida cotidiana, portanto o ato motor faz-se presente em suas funções expressiva, instrumental ou de sustentação às posturas e aos gestos. A dimensão corporal integra-se ao conjunto da atividade da criança.

Afim de aprimorar a qualidade do ensino, o RCNEI (BRASIL, 1998, p.29) ressalta aos docentes a necessidade de respeitar as diferentes capacidades das crianças,

sua faixa etária e o ambiente em que a criança está inserida, agregando o valor cultural que ela carrega para que o desenvolvimento de conteúdos seja mais assertivo. Tais conteúdos devem focar em desenvolver as habilidades expressivas e instrumentais do movimento, tornando possível então a interiorização corporal das crianças, tornando-as cada vez mais conscientes de suas ações motoras, mantendo um padrão de continuidade que envolva também experiências de múltiplas ações corporais que a criança seja capaz de desenvolver tanto sozinha como em momentos de interação com outras crianças. Os conteúdos devem se dispor em duas partes, sendo a primeira referente às possibilidades de expressões do movimento e a segunda referente ao caráter instrumental do mesmo.

Conforme afirma o RCNEI (BRASIL, 1998, p.30),

Aliar aos conteúdos brincadeiras que envolvam música e movimento ajudam a desenvolver habilidades cognitivas de percepção rítmica bem como auxiliam a identificar os vários segmentos do corpo através do contato físico além de evoluir sua capacidade de se expressar.

Esta é uma estratégia para aproveitar o que uma cultura muito rica pode oferecer para harmonizar o objetivo de aprendizagem fazendo uso, por exemplo, de cantigas e brincadeiras de cunho afetivo que protagonizam o contato corporal.

O RCNEI (BRASIL, 1998, p.31) complementa frisando que o profissional de Educação Física inclinado à Educação Infantil deve em todo momento se atentar para com a sua postura mediante as crianças, bem como sua maneira de se expressar e se relacionar com elas ao longo das aulas, uma vez que nosso corpo possui uma gama de elementos expressivos e micro sinais que permitem interpretações sutis e indiretas. Assim sendo, afim de sustentar uma relação saudável com as crianças é necessário que se mantenha uma rigidez sadia em seus gestos, mímicas e qualquer outro tipo de movimento ou expressão corporal que lhes seja direcionado, tendo sempre em mente que cada pormenor poderá ser absorvido e incorporado pela criança, reforçando mais ainda a responsabilidade de seus atos e tornando-se ao mesmo tempo a maior figura de exemplo para a criança.

A seguir disponibilizamos um resumo dos objetivos de ensino e aprendizagem inserido no RCNEI (BRASIL, 1998, p. 30) para enfatizar as questões abordadas acima:

Crianças de quatro a seis anos:

- Utilização expressiva do movimento nas situações cotidianas e em suas brincadeiras;

- Percepção de estruturas rítmicas para expressar-se corporalmente por meio da dança, brincadeiras e de outros movimentos.

-Valorização e ampliação das possibilidades estéticas do movimento pelo conhecimento e utilização de diferentes modalidades de dança.

Com a inclusão da Educação Infantil na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) mais um importante passo é dado nesse processo histórico de sua integração ao conjunto da Educação Básica.

No ano de 2017 a Base Nacional Curricular Comum (BNCC),entra em vigor. Dessa forma as redes de ensino tanto públicas quanto particulares, passam a construir currículos, em torno das aprendizagens estipuladas pela BNCC.

Segundo a BNCC(BRASIL, 2017, p. 25)

Na primeira etapa da Educação Básica,e de acordo com os eixos estruturantesda Educação Infantil (interações e brincadeira), devem ser asseguradosseis **direitos de aprendizagem e desenvolvimento**,para que ascrianças tenhamcondições de aprender e se desenvolver.

A BNCC está dividida em campos de experiências, que são os campos que abrangem o conhecimento da vida cotidiana das crianças, temos os seguintes campos:

O eu, o outro e o nós – É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista.

Corpo, gestos e movimentos – Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno.

Traços, sons, cores e formas – Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens.

Escuta, fala, pensamento e imaginação – Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem.

As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. (p. 38-40)

Levando em consideração as diferenças dos grupos etários existentes dentro da educação infantil, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento foram divididos de acordo com faixa etária, em três grupos diferentes, vale ressaltar que não devemos considerar essa divisão de forma engessada, já que o ritmo de desenvolvimento e aprendizagem de cada criança é diferente e deve ser levado em consideração. A seguir temos o quadro:

Creche	Creche	Pré-escola
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças Pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)

Ainda segundo a BNCC (BRASIL, 2017, p. 42)

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como **objetivos de aprendizagem e desenvolvimento**.

Em suma pudemos refletir neste capítulo sobre alguns elementos que nos traz a literatura a respeito da Educação Infantil, no que diz respeito às leis (ECA, LDB, RCNEI, BNCC) e à concepção de alguns autores e estudos no âmbito desta temática.

2.2- FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este capítulo tem como propósito apresentar alguns dos principais aspectos em torno da formação e da atuação do professor especialista em Educação Física na Educação Infantil.

De acordo com a LDB (BRASIL, 1996) quanto à formação exigida para o professor neste nível de ensino:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal.

[...]

Art. 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, 300 (trezentas) horas.

Para Sayão (2002, p. 59):

Uma perspectiva de Educação Infantil que considera a criança como sujeito social que possui múltiplas dimensões, as quais precisam ser evidenciadas nos espaços educativos voltados para a infância, as atividades ou os objetos de trabalho não deveriam ser compartimentados em funções/ou especializações profissionais. Entretanto, a questão não está no fato de vários profissionais atuarem no currículo da Educação Infantil. O problema está nas concepções de trabalho pedagógico desses profissionais que, geralmente fragmentam as funções de uns e de outros se isolando em seus próprios campos. “[...] Portanto, não se trata de atribuir ‘funções específicas’ para um ou outro profissional e designar ‘hora para a brincadeira’, ‘hora para a interação’ e ‘hora para linguagens’”.

Para melhor entendimento sobre alguns aspectos do que é ser docente na área da Educação Física e algumas dificuldades e obstáculos que o profissional poderá enfrentar ao longo de sua caminhada, utilizaremos como base o artigo de Brostolin e Oliveira (2013) que se inspira nas ideias de autores como Huberman (2000) e Veenman (1984) a fim de detalhar algumas características e dificuldades sobre o ofício.

Para Brostolin e Oliveira (2013), o começo da carreira de um profissional de Educação Física é desafiador e logo em suas primeiras experiências exige integridade e bom discernimento para reagir a determinadas situações que podem marcar o fim ou o início de uma carreira notável.

Segundo Huberman (2000) citado por Brostolin (2013, p.5) em “O ciclo de vida profissional dos professores”, a profissão docente é uma, entre poucas profissões, em

que o professor é “lançado” no mercado de trabalho sem obter um maior acompanhamento sistemático por parte da coordenação pedagógica e direção escolar”, ou seja, é possível concluir que em outras áreas do conhecimento o mesmo pode ocorrer.

Huberman (2000) citado por Brostolin e Oliveira (2013, p.6) afirma que o desafio do docente para se estabilizar e reivindicar seu espaço no meio, se estende ao longo dos três primeiros anos de exercício do ofício, que é quando ocorrem o maior número de dificuldades que podem eventualmente estagnar o profissional. Desencadeando uma série de descobertas e amadurecimento pessoal que darão a ele a experiência necessária para solucionar com facilidade (ou não) problemas futuros. Tais vivências incluem por exemplo, a decisão acertada nas metodologias de trabalho, a perspicácia em perceber as dificuldades de seus alunos, respeitar seu próprio ritmo. Posturas como essa são essenciais para o crescimento saudável da reputação do docente que busca evolução e é resiliente para com seus desafios.

Veenman (1984), citado por Brostolin (2013) entende que apesar desse tipo de conduta ser o ideal, é de conhecimento geral que cada profissional reage de uma forma às determinadas situações que se apresentam diante dele em sua rotina de trabalho. Casos recorrentes como lidar com a indisciplina do aluno e manter o controle da situação são exemplos que exigem do profissional uma capacidade de mudança de postura, sendo este um dos seus primeiros avanços notáveis, que posteriormente ajudarão a evitar maiores complicações e propiciarão uma tomada de decisão acertada para que a questão seja resolvida rapidamente com um simples diálogo.

Refletindo sobre este assunto, Brostolin (2013) afirma que é possível assimilar o fato de que o perfil do docente começa a se moldar desde o início de suas atividades. Perfil este que será seu cartão de visita e referência para alunos e outros docentes, refletindo toda e qualquer atitude que possa marcar sua trajetória. É comum ao recém graduado o desejo de abordar novas metodologias e propor mudanças visando atingir o estudante em função de posturas que o então profissional discordava anteriormente e então vislumbra a oportunidade de praticar tais mudanças.

No entanto, de acordo com Brostolin (2013), o que acaba se tornando comum é uma mudança de postura ao passo que alguns ideais são frustrados fazendo com que o jovem docente revise seus conceitos e volte a trabalhar com alguns métodos tradicionais. Vale ressaltar que cada caso se resolve de uma maneira e não é regra afirmar que todo profissional traz consigo um espírito inovador ou conservador.

Sendo assim, Veenman (1987, p. 6) citado por Brostolin (2013), diz que “professores jovens depressivos, introvertidos e não comunicativos mudaram suas atitudes numa direção mais conservadora do que professores jovens que não possuíam essas características”. Partindo desta afirmação é possível concluir que o jovem docente deve ser cuidadoso ao tentar mudanças muito ousadas que eventualmente possam manchar sua imagem e fragilizar sua confiança para exercer seu ofício de maneira satisfatória.

Brostolin (2013, p.8) se inclina ao lado das consequências de problemas internos ao dizer que

Com o passar do tempo, o professor iniciante enfrenta problemas pessoais fomentados pela realidade e que afetam subjetivamente o seu trabalho em sala de aula. A baixa autoestima, o sentimento de fracasso e a instabilidade emocional são fatores que demonstram que o docente caminha para a última indicação do choque de realidade – o abandono da carreira.

Essa é uma perspectiva que exemplifica um quadro de diversos fracassos e experiências negativas que podem ocorrer logo no início da carreira de um jovem docente fazendo-o questionar-se sobre o seu desejo de seguir em frente ou não. Nesse sentido, ainda sob a perspectiva de Brostolin (2013) destacamos um cenário de desafios e dificuldades do docente para a área da Educação Infantil, onde serão expostos alguns pontos pertinentes acerca deste tema.

Começamos o estudo baseado na pesquisa feita por Brostolin e Oliveira (2013), que foi realizada num Centro de Educação Infantil, localizado no campus de uma Universidade de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul cujo objetivo era atender filhos de acadêmicos e de funcionários da instituição. O estudo destaca que o trabalho pedagógico é baseado no conceito de que a criança tem a capacidade de construir seu conhecimento de forma independente, mas para que isso ocorra é necessário planejar atividades diárias que despertem o potencial criativo e o interesse dessas crianças. Naquele período o corpo docente era composto por 10 pedagogas e 16 estagiárias do curso de Pedagogia da Universidade Católica Dom Bosco, que através de um convênio posteriormente acordado com a Prefeitura Municipal de Campo Grande passou a atender também crianças que habitavam em bairros próximos ao campus. Para coletar os resultados e então analisar os dados foram realizadas entrevistas com cinco professoras consideradas iniciantes, com 3 a 5 anos de experiência na função a partir de dois quesitos: período máximo de cinco anos de docência na Educação Infantil e docentes efetivas no Centro de Educação Infantil São Domingos Sávio.

Em relação aos resultados do estudo, apenas uma, das cinco participantes relatou o desejo de desistir da carreira enquanto atuava em outra instituição pela falta de coletividade entre seus colegas de profissão. Uma das professoras relata que em outra escola onde havia trabalhado, pensou em desistir, pois, não existia uma equipe pedagógica unida. E que quando isso acontecia, as pessoas acabavam ficando mais empenhadas e conexas com um propósito em comum.

Nota-se o grau de importância que a coletividade e o espírito de equipe têm nessa área, uma vez que o trabalho mal executado devido a essa falta de comunicação de um profissional com o outro pode afetar o trabalho do seu colega.

O resultado da pesquisa (BROSTOLIN, 2013, p.10) segue com as afirmações das demais professoras que frisam o papel essencial que a coordenação pedagógica tem na inserção do professor iniciante na escola, além do convívio com seus colegas de trabalho. As demais professoras concordaram ao afirmar que mesmo após sua graduação mantinham contato com os docentes responsáveis por sua formação para eliminar dúvidas sobre conteúdos que ministravam, além de pedirem com frequência o auxílio professores com maior experiência, sobre atividades recreativas, livros e conteúdos gerais. Abaixo o relato de uma das professoras:

[...] ela era coordenadora do estágio. Então assim, ela era muito dinâmica, você sabe né, ela é show de bola né; então assim, ela me passava muita coisa, atividades e a gente introduzia a parte pedagógica para trabalhar com as crianças, para que facilitasse a aprendizagem deles. Mas, graças a Deus, agora está bem mais fácil. (BROSTOLIN, 2013, p.10)

É preciso ao jovem docente que pretende atuar na Educação Infantil, não somente a especialização e que esteja apto a desenvolver sua função, mas que também tenha ao seu redor uma equipe de professores com experiência variada e também uma coordenação pedagógica eficiente que ampare o profissional iniciante e possa oferecer suporte em toda e qualquer situação afim de proporcionar a evolução desse novo profissional.

Ainda hoje não possuímos a obrigatoriedade do profissional de Educação Física na etapa da Educação Infantil, porém em alguns sistemas de ensino esse trabalho vem sendo feito e mostrando resultados satisfatórios. De acordo com Sayão (2002) citando Ayoub (2001) podemos relatar alguns contextos.

O primeiro exemplo é em Campinas-SP, a rede municipal não possui professor especialista, a partir coordenação da Professora Doutora Eliana Ayoub, da Faculdade de Educação – Unicamp –, os alunos da disciplina Prática de Ensino de Educação Física e

Estágio Supervisionado traçam propostas e as aplicam na rede municipal de ensino, essas propostas são registradas nos relatórios de estágio.

O segundo exemplo, ainda de acordo com a autora, é de Santa Catarina, onde desde 1982 encontramos professores especialistas de Educação Física inseridos na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RME), que normalmente trabalham em creches e Núcleos de Educação Infantil, onde são atendidas crianças de 4 a 6 anos em sua grande maioria.

Diante da reflexão de como articular o trabalho do professor especialista juntamente com o generalista temos a seguinte afirmação, advinda do grupo de estudos em Santa Catarina e sua prática com trabalho na Rede Municipal de ensino.

O planejamento das atividades e a aplicação aconteceram em conjunto com professor (especialista) e pelas professoras (unidocentes). As professoras generalistas listavam temas que poderiam ser trabalhados pelo professor de especialista e participavam em conjunto de todos os momentos.

Aquela prática, por nós conhecida, que “entrega” as crianças para o professor(a) de Educação Física e as retorna ao final do tempo estabelecido para a aula não acontecia. O tempo de uma atividade poderia ser de 15 minutos ou até de uma manhã ou tarde inteira, conforme os (as) profissionais fossem sentindo a necessidade de as crianças permanecerem envolvidas no trabalho. Observamos um momento de construção de alguns brinquedos pelas crianças, no qual o envolvimento de todas se estendeu por, aproximadamente, três horas (SAYÃO, 2002, p. 52).

Em complemento a esse conhecimento, o RCNEI (BRASIL, 1998, p.39) explica também que é fundamental que o profissional de Educação Física esteja ciente dos diversos significados que as atividades podem trazer às crianças, pois essa consciência trará segurança ao profissional para que seu plano didático de trazer à luz a noção correta das capacidades da criança bem como suas limitações, seja aplicado com excelência. Outro ponto importante exposto pelo RCNEI é a relevância da organização do ambiente que as aulas e atividades serão ministradas, sendo então importante que os espaços internos e externos sejam grandes o suficiente para que as crianças sejam capazes de produzir seus gestos e movimentos sem qualquer limitação, desenvolvendo toda sua capacidade motriz, levando em consideração a importância do auxílio que os objetos e brinquedos possibilitam nessas atividades de expressão e movimento.

3- METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada de acordo com a abordagem qualitativa que, para Godoy:

Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58).

A pesquisa bibliográfica que fundamentou a pesquisa consistiu no estudo da literatura relacionada às temáticas acerca da Educação Física e o professor especialista na educação infantil. Foram pesquisadas fontes como artigos de diferentes autores (Ayoub, Brostolin, Cavalaro, Huberman, Neto, Soares, Veenman) e leis: ECA de 1990, LDB de 1996, RCNEI de 1998 e BNCC de 2017.

A técnica de coleta de dados aplicada foi a entrevista semiestruturada.

A entrevista semiestruturada é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante a uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (MARCONI; LAKATOS, 1996; p. 84).

A entrevista foi realizada com três professores, dois homens e uma mulher, que atuam na educação infantil. Um deles leciona na cidade de Barra Bonita, enquanto a professora e o outro professor na cidade de Bauru, estado de São Paulo. Dos entrevistados, um trabalha em uma escola particular e os outros dois em escola pública. No quadro abaixo é possível visualizar o perfil dos participantes do estudo:

Professor 1	Homem, professor de Educação Física. Atua na rede privada da cidade de Bauru. Graduou-se em uma universidade pública, em 2014. Atua há 7 meses na Educação Infantil.
Professor 2	Homem, professor de Educação Física. Atua na rede pública, municipal, da cidade de Barra Bonita. Graduou-se em uma universidade pública em 2011. Atua há 3 anos na Educação Infantil.

Professora 3	Mulher, pedagoga e também formada em Educação Física. Atua na rede pública, municipal, da cidade de Bauru, além da Educação infantil está também no fundamental II, na rede estadual. Graduou-se em uma universidade pública em 1991. Atua há 20 anos na Educação Infantil.
--------------	---

Para participar da pesquisa, foi pedido aos participantes que assinassem um termo de consentimento livre e esclarecido (conforme modelo constante no Apêndice A), para que as informações pudessem ser utilizadas para publicação com fins acadêmicos. O termo também deixava claro que seus nomes seriam mantidos em sigilo durante toda a investigação e publicação dos resultados. Os participantes foram identificados por siglas P1, P2 e P3.

As entrevistas foram analisadas de acordo com os pressupostos da análise de dados qualitativos que segundo Lakatos e Marconi (2010) permite averiguar fatos ocorridos; conhecer a opinião das pessoas sobre os fatos; conhecer o sentimento da pessoa sobre o fato ou seu significado para ela; descobrir quais foram, são ou seriam as condutas das pessoas, sejam elas passadas, presentes ou planejadas (futuras); descobrir fatores que influenciam os pensamentos, sentimentos ou ações das pessoas.

No capítulo seguinte, os dados coletados nas entrevistas são analisados à luz da literatura, divididos nos seguintes eixos temáticos: “A formação inicial e as bases para atuação na Educação Infantil”, “A atuação profissional e Conteúdos”, “Formação continuada”, “Professor especialista x professor generalista”.

4-ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a leitura e transcrição das entrevistas foi possível agrupar os dados em quatro eixos diferentes denominados como: “A formação inicial as bases para atuação na Educação Infantil”, “A atuação profissional e Conteúdos”, “Formação continuada”, “Professor especialista x professor generalista”.

4.1- A formação inicial as bases para atuação na Educação Infantil

Quando analisamos as respostas dos três professores em torno da formação inicial, vários pontos convergem, sendo um destes pontos em comum, o fato de considerarem a formação que tiveram na graduação deficitária quanto aos conteúdos relacionados à Educação Infantil. É interessante ressaltar que todos graduaram-se na mesma universidade, porém em anos diferentes (P1: 2014, P2: 2011: P3: 1991). Ao retomarmos uma das respostas de P3, temos a seguinte afirmação: “Olha, a gente tinha muito... [ruído] atividade esportiva. Então pouco tinha assim relacionado à educação infantil, né.” (P3)

Essa afirmação também pode ser notada nos relatos dos demais entrevistados:

Então, na época da graduação a gente tinha pouco, acho que duas matérias assim, que eram voltadas [para educação infantil]. Mas eram bem confusos, assim, uma disciplina ficou com um professor que era bolsista, ele tava fazendo doutorado, acho que fazia parte do doutorado ele dar aula. E teve uma outra que era educação física escolar 1, que era fundamental e infantil, aí professora voltou mais pra educação do ensino fundamental 1. (P1)

Nós tivemos uma disciplina específica na educação infantil que eu lembro que... Eu acho que... Eu acho que foi a disciplina que deu mais base assim, teórica e tanto assim de reflexões na prática também, pra atuações. Em relação a educação infantil acredito que foi a única. (P2)

Para Lima e Silva (2013, p.9):

A formação profissional para a educação infantil desperta após a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estes documentos definem a incorporação da criança à educação básica, assegurando o direito à educação e conseqüentemente, determinando ao Estado o dever de oferecer instituições educacionais para atendimento desta faixa etária.

Ainda sobre a formação inicial, podemos observar na seguinte fala, de P3, que nas décadas passadas a graduação abordava menos ainda os conteúdos relacionados à Educação Infantil: “tinha até educação escolar, mas que eu me lembre assim é

relacionado à Educação Infantil específico, que eu me lembre não. Faz só um pouquinho de tempo que eu me formei né (1991).”

Segundo Kishimoto (1999, p.2), as estatísticas demonstram a precariedade da formação profissional para atuar na Educação Infantil na década de 90, como podemos observar no quadro a seguir:

Unidade da Federação	Total	Fundamental incompleto	Fundamental Completo	Médio Completo	Superior Completo
Brasil	219.593	13.474	15.984	146.205	43.930
%	100%	6,13%	7,27%	66,57%	20%

Fonte: Kishimoto (1999, p.2)

O professor deve assumir seu papel de protagonista e, sobretudo, estar disposto a enfrentar os desafios e buscar mudanças em sua atuação e sua formação docente para que a relação de ensino e aprendizagem se torne mais significativa (IMBERNÓN, 2009). Essa afirmação pode ser refletida na expressão do P1:

O que me ajudou bastante assim que eu li na graduação que eu fui aprender um pouquinho, foi quando eu li um livro que chama Educação de corpo inteiro (o livro fala sobre a importância de pensarmos corpo e mente juntos, colocando a Educação Física no mesmo patamar que as outras disciplinas e vendo o professor de Educação Física, como qualquer outro educador).

Segundo Tardif (2000, p. 19), nas disciplinas da formação de professores, “aprender é conhecer, mas em uma prática, aprender é fazer, e aprender fazendo”. São princípios distintos, cuja distinção tem um dificultador quando as disciplinas são apresentadas de forma segmentada, isoladas umas das outras. No modelo da racionalidade técnica não se leva em consideração os princípios, saberes e concepções que os alunos já trazem antes da graduação, não levando em conta, portanto, os filtros cognitivos, sociais e afetivos mediante os quais os futuros profissionais atuarão.

Essa afirmação sobre a segmentação das disciplinas, pode ser expressa pela seguinte fala:

Uma disciplina do departamento de educação. Era assim: tinha o estágio curricular, e aí uma disciplina educação física escolar, junto com o estágio, era uma disciplina de 2 créditos, eram 30 horas, teve muita aula que a gente não teve por causa do doutorado dele. Teoricamente era uma disciplina que era pra articular com o estágio, que foi o que o professor falou no começo da disciplina. (P1)

Para Tardif (2000):

Conhecer quais são os saberes necessários, indispensáveis ao professor é importante, portanto, não só para dar visibilidade e condições de resgatar um profissionalismo em crise, como é fundamental para orientar os currículos de formação universitária. (p.20)

Em suma podemos sintetizar que os professores relatam que sua formação inicial não forneceu base significativa para a atuação na educação infantil, pois podemos verificar que as disciplinas abordadas foram, em alguns casos, vistas de forma segmentada, nem sempre dando continuidade ao que já havia sido discutido anteriormente.

4.2- Atuação profissional e Conteúdos

A partir da análise das entrevistas pudemos notar as dificuldades enfrentadas pelos professores iniciantes da Educação Infantil e o desafio de articular e gerir as situações desafiadoras do cotidiano, assim como atrelar essas dificuldades com os conteúdos que devem ser ministrados.

Ressalta Tardif (2000):

Durante a formação inicial, o reconhecimento da relevância dos conhecimentos práticos do professor significa o primeiro passo para possibilitar ao futuro profissional a prudência para enfrentar o ineditismo do dia a dia. (p. 18)

Foram retratadas diversas situações. Para um dos participantes, a principal dificuldade foi a comunicação com a criança, uma vez que ainda não havia trabalhado com este nível de ensino: “porque a gente tem que fazer umas adaptações pra eles pra entrar em contato com a criança, até mesmo pra comunicação, né.” (P2).

Um aspecto convergente nos relatos de dois dos professores e que também retoma o eixo anterior é expresso pelo seguinte professor:

Desafios e dificuldades... Nessa transição, né? Que eu tive. De por exemplo, nunca ter tido alguma expectativa em trabalhar com essa faixa etária e... por exemplo, eu acho que quando eu entrei, no primeiro ano, a maior dificuldade foi o relacionamento com as crianças. (P2)

Para Abreu e Masseto (1990, p.115):

O trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento com os alunos é expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com cultura. É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade.

Para P1, a grande dificuldade está em atrelar uma boa aula, dentro das concepções da Educação Física.

Às vezes o fato de a criança gostar não quer dizer que você deu uma boa aula, pode ser que você deu uma recreação lá que qualquer um dê e não tenha sido uma aula [...] é basicamente isso de saber articular o que é EF, o que é pedagogia e fazer de uma forma satisfatória, mas que também não fique ah foi só brincadeira, foi só recreação, foi só musiquinha. Mas a questão do conteúdo mesmo (P1)

Segundo P3, a grande dificuldade é o tamanho da turma e a diferença de idades, que podemos também relacionar com os conteúdos, pois a diferença de idades faz com que seja mais difícil promover uma aula adequada para todas as crianças.

Eu trabalho com uma turma muito mista né. De crianças de dois anos que ainda nem andam direito e algumas crianças já maiores que vão fazer cinco anos, tudo nessa turma. Então eu tenho vinte e duas crianças. [...] eu trabalho muito isso: o respeito com o colega, a socialização entre eles, está com o brinquedo na mão vamos respeitar, vamos conversar. Então é mais isso né, é a independência da criança. (P3)

Ao analisar mais especificamente ao que diz respeito aos conteúdos foi possível notar uma insatisfação por parte dos entrevistados em relação a atenção dada ao tema, que não é tão difundido ao longo do curso como poderia, levando em consideração também toda a questão pedagógica envolvida no assunto, uma vez que a Educação Infantil exige além da técnica do profissional de Educação Física, um preparo e conhecimento didático para exercer sua função de maneira adequada.

Em um dos trechos das entrevistas é possível identificar as críticas citadas acima: “[...] era o esporte regra, o esporte conteúdo, não o esporte só rendimento, mas assim, para educação infantil tinha muito pouco.” (P1)

Partindo deste ponto é preciso enfatizar que os estudos durante a graduação precisam ser aprofundados e que os futuros profissionais estejam aptos a desenvolver sua função como professores de educação física na Educação Infantil.

Assim relatou um entrevistado: “[...] na verdade eu acho que eu fiquei bastante preso na questão das brincadeiras tradicionais, sabe? Então brincadeiras com corda, pega-pega eu trabalhei bastante. (P2)”. Já outro enfatizou que: “A criança, eu acho que ela se comunica pelo corpo. Então assim, se eu for dar uma atividade como o tradicionalmente corre-cotia, eu vou ter que forçar a criança a ficar ali na roda. Muitas vezes ela não quer!” (P3).

Como é enfatizado no RCNEI (BRASIL, 1998, p. 47), práticas como atividades musicais na educação infantil são de grande importância para o desenvolvimento da criança, tendo em vista os resultados positivos alcançados por este método em variadas áreas do desenvolvimento humano ao longo do tempo, influenciando em atitudes, na rotina e formação de hábitos como, por exemplo, “escovar os dentes”, “lavar as mãos antes da refeição”. Também para elucidar datas comemorativas e eventualidades tais como “dia das mães” ou “dia da árvore”. Estes são somente alguns dos vários exemplos do resultado que se pode alcançar por meio de um trabalho contínuo e devidamente direcionado.

Podemos também notar essa afirmação na fala de P1, que busca trabalhar em suas aulas as habilidades manipulativas, locomotoras e estabilizadoras, atreladas a contação de histórias, por exemplo:

Eu coloco assim dentro da aula, eu divido por habilidades né, então habilidades manipulativas, locomotoras e estabilizadoras. E aí eu coloco brincadeiras, a maioria das coisas que eu faço é jogos de imaginação [...]eu fico preocupado em ser uma coisa que entra no universo das crianças. (P1)

Em resumo, notamos que as dificuldades na atuação docente dos professores de Educação Física na Educação Infantil são diversas, pois para P1 e P2, que trabalham neste nível de ensino há menos tempo, os principais pontos se dão pelo pouco tempo de atuação com as crianças no que se refere às dificuldades de comunicação com elas e também de conseguirem atrelar as concepções da Educação Física às necessidades desta etapa da educação básica. Já para P3, o mais significativo está na heterogeneidade da turma e no número elevado de crianças para planejar e desenvolver os conteúdos da área.

4.3- Formação continuada

Apesar de a formação dos professores estar estabelecida pela LDB, constatamos que a percepção dos professores entrevistados se refere a uma defasagem nos cursos de formação inicial para trabalhar com esse nível de ensino, tornando-se essencial a formação continuada para estes profissionais.

[...] Prefeitura oferece muita coisa pra gente com relação a formação continuada: [...] só propriamente da educação infantil. [...] a minha formação e quando eu prestei concurso não era para criança menor de três anos. Então eu não sabia nada de criança de berçário e criança de um ano, dois. (P3)

Segundo Fusari (1997) e Falsarella (2002), citados por Galindo e Inforsato (2007, p.100)

A formação continuada dos professores conquistou um local de evidência nas ações governamentais e nas práticas em torno desta; conquistou progressos na forma de Lei, na expansão de pesquisas sobre o tema e de intervenções de formação múltiplas, resultando ainda na chegada de um corpo teórico circunscrito e tematizado. Por outro lado, apesar desses avanços, especialmente referente ao campo legal, pouco se avançou nas práticas antes empregadas, já que o sistema privilegiado na viabilização das ações de formação continuada ainda transcorria de pacotes sob a forma de cursos, sendo conseqüentemente pouca, senão bastante reduzida, a repercussão dessas formações sobre a atuação profissional dos professores.

Perrenoud (1997, p. 35) afirma que:

A mudança da prática passa tanto por uma transformação do habitus como pela disponibilidade de ação. Neste aspecto, a educação continuada foi crescendo como uma modalidade importante de formação docente, especialmente nos países em desenvolvimento, devido às defasagens verificadas ao término da formação inicial dos professores.

Como dito anteriormente os professores constatam que os conhecimentos obtidos na graduação são insuficientes, desse modo a formação continuada se torna cada vez mais necessária. Existe uma grande discussão ao redor da combinação de fatores, que atrelados, confirmam que a formação continuada irá contribuir de maneira mais eficaz e direta para a aprendizagem daqueles que se submetem a ela.

Ao analisar as respostas dos entrevistados notamos que dentre os três, apenas um não tem conhecimento sobre cursos de formação continuada: “Mas assim curso mesmo de formação, na verdade nem sei onde tem, a não ser a nível de pós-graduação.” (P1). Enquanto outro embora tenha relatado que as formações existem, apontou algumas limitações:

É, nós temos assim, as capacitações que o município oferece, voltadas pra essa área de ensino. E nós temos também encontro coletivos com os professores do município que a gente discute a nossa prática. Apesar de muitas vezes não ser muito efetivo. [...] a gente vai lá, discute algum texto, mas muitas vezes não é questionado que o que você tá fazendo é realmente voltado pra construir um plano de aula ou algo que venha de encontro com essa necessidade do aluno. Eu acho que deveria ter [...] alguma coisa que realmente formasse o professor. E não que fosse um tempo ali pra desabafo dos problemas. (P2)

Desse modo, para P2 ainda faltam estes espaços de discussão docente. O professor relata que muitas vezes há leitura e discussão de textos, porém estes momentos não são efetivamente conectados com a prática.

A formação continuada é um processo educativo constante para a desconstrução e construção de práticas para a formação docente, deve ser considerado não somente como um complemento da formação inicial, mas como espaço de desenvolvimento e discussão do docente.

[...] a formação continuada trata da continuidade da formação profissional, proporcionando novas reflexões sobre a ação profissional e novos meios para desenvolver o trabalho pedagógico. Assim, considera-se a formação continuada como um processo de construção permanente do conhecimento e desenvolvimento profissional, a partir da formação inicial e vista como uma proposta mais ampla, de hominização, na qual o Homem Integral, produzindo-se a si mesmo, também se produz em interação com o coletivo. (ANFOPE, 1994 citado por NUNES, 2000, p. 9).

Na perspectiva da escola como lugar da formação contínua, Marcelo (1992, p.54) diz que:

Uma formação contínua centrada na atividade cotidiana da sala de aula, próxima dos problemas reais dos professores, tendo como referência central o trabalho das equipes docentes, assumindo, portanto, uma dimensão participativa, flexível e investigadora.

Segundo relato de P3, não há como concluir o curso de graduação pronto para a atuação profissional. Por mais que ela forneça os conhecimentos básicos o profissional deve sempre continuar em busca de conhecimento.

O profissional não sai pronto de uma universidade. A universidade por mais que a gente espera, por mais que a gente... ela embasa a gente de várias coisas é.. aquele, o profissional tem que buscar sempre melhorar, conhecer e se adaptando dentro daquilo que você vai trabalhar. (P3)

De acordo com Tardif, Lessard e Lahaye (1991) os saberes docentes originam-se de quatro fontes: saberes da formação profissional; saberes disciplinares; saberes curriculares e saberes da experiência. Os autores argumentam sobre a necessidade de os programas de formação destinarem maior destaque aos saberes da experiência, pois os mesmos constituem-se fonte de indicação para a prática docente.

Analisando os relatos dos professores, podemos perceber a importância da busca de conhecimento além da formação inicial e da universidade, bem como a inserção em cursos de formação continuada para que cada vez mais o docente possa construir e desconstruir os paradigmas existentes dentro da sala de aula e mesmo em sua formação acadêmica.

4.4- Professor especialista x professor generalista

Hoje muito se discute sobre a fragmentação do ensino e a presença de um professor especialista na Educação Infantil, estando presente a divisão de ideias sobre a necessidade ou não do professor especialista. Para Ayoub (2005, p.2), este “caracteriza-se como um tema bastante polêmico, o qual tem gerado inúmeras discussões que caminham tanto no sentido da defesa da presença de especialistas no âmbito da educação de crianças de 0 a 6 anos de idade quanto no sentido inverso.”

Como argumento a favor, enfatiza-se a dificuldade no tratamento do movimento por pedagogos com as crianças dessa idade. Muito se dá pela falta de conhecimento, o que faz com que alguns profissionais considerem este momento como a hora da brincadeira, sem nenhum tipo de fundamentação nos conhecimentos da educação física.

A Educação Física é vista como o “momento da brincadeira” (sinônimo de “parque”) ou como o “momento do corpo”, reforçando dicotomias clássicas da tradição racionalista ocidental que separa, confortavelmente, corpo de um lado e intelecto de outro, proclamando, ainda, a superioridade da esfera mental ou intelectual (BRACHT, 1999, p. 70).

Esta afirmação é refletida na fala de P1 “[...] Mas por outro lado, eu já conversei com as professoras assim, e elas não têm claro qual o objetivo do movimento, qual é a função do movimento, pra elas é simplesmente recreação...”

Contra essa direção, temos a vertente que acredita que com a inclusão do professor especialista na educação infantil estaríamos fragmentando o ensino e acentuando cada vez mais as dicotomias com a criança, sobretudo, a dicotomia corpo e mente.

Quanto aos riscos de uma abordagem compartimentada de Educação Infantil, Sayão (1999, p.224) diz que “[...] algumas vezes, a presença da ‘especialista’ em determinada disciplina na organização curricular é sinônimo de uma concepção fragmentária do conhecimento”. Soma-se a isso possíveis indefinições e confrontos em relação aos papéis de cada professor, à organização dos horários das aulas na rotina diária e às hierarquizações e discordâncias por espaços de trabalho.

Em consonância com essas duas vertentes, Ayoub traz a seguinte afirmação:

Reforçando a ideia da possibilidade de construirmos relações de **parceria**, de confiança, não hierarquizadas, entre diferentes profissionais que atuam na educação infantil, poderíamos pensar não mais em professoras(es) “generalistas” e “especialistas”, não mais em professoras(es) “generalistas” e “especialistas”, mas em professoras(es) de educação infantil que, juntas(os), com as suas diversas especificidades de formação e atuação, irão

compartilhar seus diferentes saberes docentes para a construção de projetos educativos com as crianças. (AYOUB, 2001, p. 56).

Essa é exatamente a opinião de P2: “[...] Um trabalho conjunto aí, interdisciplinar e que pudesse de fato ir ao encontro com as expectativas e necessidades do aluno.” Para o professor, a melhor forma de atender as necessidades das crianças seria um trabalho conjunto no qual professores especialistas e professores generalistas trabalhariam em prol do desenvolvimento da criança.

Segundo Neto (2007) uma solução plausível para resolver a questão prática da Educação Infantil, considerando as questões pedagógicas juntamente com o aspecto técnico, seria um planejamento interdisciplinar que sugere o diálogo entre os especialistas dessas duas áreas do conhecimento, unindo-os de forma a não alterar as estruturas disciplinares, mas aproveitando-as para iniciar essa comunicação entre os especialistas de cada área no mesmo ambiente, pois a partir deste momento se torna possível visualizar novas maneiras de garantir o diálogo entre os profissionais e por sua vez o desenvolvimento de novos conceitos.

Em linhas gerais, observamos que alguns estudos propõem uma organização afinada com os princípios de uma pedagogia voltada para a experiência e para o interesse da criança, na qual o professor compete à “generalista” o desenvolvimento das diversas atividades curriculares. Outros estudos sugerem uma organização mais próxima do modelo escolar e centrada em disciplinas. (AYOUB, 2001, p.1)

Entretanto para P1 ainda é difícil enxergar esse trabalho de forma não fragmentada, “[...] eu considero muito importante apesar de caracterizar ainda uma fragmentação, [...] por exemplo, pedagoga na sala, educação física como uma disciplina a parte.”

Para P3, a questão é um pouco diferente, a docente atrela a importância do professor especialista ao fato de, muitas vezes, os professores generalistas passarem muito tempo sem trabalhar atividades específicas ao movimento: “[...] Se tivesse um professor especialista, ele trabalharia dentro da educação física. A gente tem dia, tem semana, que a gente passa... você não trabalha nada específico porque choveu [...]”, por exemplo.

É interessante ressaltar a diversidade das respostas dos professores quanto ao tema abordado, pois cada um explicitou uma opinião diferente, nos fazendo refletir sobre a conexão entre suas respostas e a literatura, considerando, ainda, o ambiente de

trabalho em que estão inseridos, uma vez que eles atuam em diferentes redes de ensino (particular e municipal).

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar as perspectivas e dificuldades de professores de Educação Física a respeito da atuação na Educação Infantil.

Quanto aos resultados encontrados com essa pesquisa, temos que os professores relatam que sua formação inicial não forneceu significativa base de conhecimentos para a atuação na educação infantil. Podemos notar que as disciplinas abordadas foram, em alguns casos, vistas de forma segmentada nem sempre dando continuidade ao que já havia sido discutido anteriormente.

Dessa forma, podemos perceber a importância da busca de conhecimentos além da formação inicial, bem como a inserção em cursos de formação continuada para que cada vez mais o docente possa construir e desconstruir os paradigmas existentes dentro da sala de aula e mesmo em sua formação acadêmica.

Notamos que as dificuldades na atuação docente na Educação Infantil são diversas. Para dois professores, que trabalham neste nível de ensino há menos tempo, os principais pontos se dão pelo pouco tempo de atuação com as crianças, que fez com que relatasse dificuldades de comunicação com as crianças e também de conseguirem atrelar as concepções da educação física às necessidades dessa etapa da educação básica. Já para outro docente, a principal dificuldade está na heterogeneidade da turma e no número elevado de alunos.

É interessante ressaltar a diversidade das respostas dos professores quanto à discussão professor especialista x professor generalista na Educação Infantil. Cada um explicitou uma opinião diferente. Para P1 ainda é difícil enxergar esse trabalho de forma não fragmentada, para P2 a melhor forma de atender as necessidades das crianças seria um trabalho conjunto no qual professores especialistas e professores generalistas trabalhariam em prol do desenvolvimento da criança, já P3 atrela a importância do professor especialista ao fato de, muitas vezes, os professores generalistas passarem muito tempo sem trabalhar atividades específicas ao movimento.

Concluimos que, para esses professores, a graduação em educação física, licenciatura, ainda não contempla os conhecimentos necessários para a atuação na

Educação Infantil, o que é refletido quanto às dificuldades de atuação, tornando a necessidade de os professores buscarem cursos de formação continuada e espaços de discussões.

Ao retomar a discussão em torno “do professor especialista x professor generalista”, como relatado pelos professores, ainda existe um grande distância entre estes docentes, o que pode acabar resultando no aprendizado segmentado dos alunos. Como ressalta Ayoub (2001, p.11), precisamos pensar em “professoras(es) [...] que, juntas(os), com as suas diversas especificidades de formação e atuação, irão compartilhar seus diferentes saberes docentes para a construção de projetos educativos com as crianças.”, para que dessa forma estejamos cada vez mais focados com o bem-estar do aluno e sua formação, trabalhando de forma interdisciplinar.

Para a realização deste estudo o principal limite foi a dificuldade em encontrar professores de educação física que atuam na educação infantil, na cidade de Bauru, uma vez que somente as escolas privadas possuem em seus quadros esse profissional, sendo que muitas vezes encontramos estagiários ministrando as aulas. Em pesquisas futuras, poderá ser ampliada a coleta em campo para outras cidades da região.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria C.; MASETTO, M. T. *O professor universitário em aula*. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.
- AYOUB, E. Narrando Experiências com a Educação Física na Educação Infantil. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 143-158, 2005.
- _____. Reflexões Sobre a Educação Física na Educação Infantil. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, (supl.4), p.53-60, 2001.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Caderno CEDES* 48. Corpo e educação. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), p. 69-88, 1999.
- BRASIL. *Base Nacional Curricular Comum*. Brasília. Brasília, 2017.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988
- BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, 1996.
- BRASIL. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. *Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil*. v.2, Brasília, 1998.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, 1990.
- BROSTOLIN, M; OLIVEIRA, E. Educação infantil: dificuldades e desafios do professor iniciante. *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v. 4, n. 11, p. 41-56, 2013.
- CAVALARO, A. G.; MULLER, V. R. Educação Física na Educação Infantil: uma realidade almejada. *Educar*, Curitiba, v. 34, p. 241-250, 2009.
- FALSARELLA, A.M. Políticas de capacitação e mudanças no cotidiano escolar. In: SAMPAIO, M.M.F. O cotidiano escolar face às políticas educacionais. 1ª edição. Araraquara: JM Editora, 2002.
- FERRAZ, O. L.; MACEDO, L. Educação física na educação infantil do município de São Paulo: diagnóstico e representação curricular em professores. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v. 15, n.1, p. 63-82, 2001.
- FUSARI, José C. (1997): *Formação contínua de educadores: um estudo de representações de coordenadores pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SMESP)*. São Paulo. Tese (Doutora do) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- GALINDO, C. J.; INFORSATO, E. C. As políticas de formação continuada de professores: entre discursos e ações. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 9., 2007, Águas de Lindóia. *Formação inicial e continuada de professores*, São Paulo: UNESP, 2007. p. 99-107.
- GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Porto, Portugal: Porto, 2000.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KISHIMOTO, T. M. Política de formação profissional para a educação infantil: Pedagogia e Normal Superior. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 68, p. 61-79, 1999.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. D. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, S. F. A.; GRIGOLI, J. A. G. A experiência do trabalho na construção dos saberes docentes: implicações para a formação inicial. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 9., 2007, Águas de Lindóia. *Formação inicial e continuada de professores*, São Paulo: UNESP, 2007. p. 14-23.

LIMA, P.G; SILVA, K. S. Políticas públicas para a educação infantil: um olhar sobre a realidade de Dourados- MS. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, n.11 v.02, 2013

LOPES, R. P.; NONO, M. A. Aprendizagens sobre a docência na formação inicial: uma investigação analítico-descritiva das concepções de futuros professores sobre a sua profissão. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 9., 2007, Águas de Lindóia. *Formação inicial e continuada de professores*, São Paulo: UNESP, 2007. p. 85-93.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

NUNES, C. D. S. C. Os sentidos da formação contínua de professores. O mundo do trabalho e a formação de professores no Brasil. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

OLIVEIRA, N. R. C. Concepção de Infância na Educação Física Brasileira: Primeiras aproximações. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 95-109, 2005.

ROSALEN, M. A. S.; ROZINELI, T. Formação continuada de professores: percepções docentes sobre o ensino médio em rede. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 9., 2007, Águas de Lindóia. *Formação inicial e continuada de professores*, São Paulo: UNESP, 2007. p. 177-185.

PERRENOUD, P. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SAYÃO, D. T. Corpo e Movimento: Notas para problematizar algumas questões relacionadas à Educação Infantil e à Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 23, n. 2, p. 55-67, 2002.

_____. A Disciplinarização do Corpo na Infância: Educação Física, Psicomotricidade e o Trabalho Pedagógico. In: SAYÃO, D. T.; MOTA, M. R. A.; MIRANDA, O. (Org.). *Educação Infantil em Debate: ideias, invenções e achados*. Rio Grande: FURG, 1999.

_____. Educação Física na educação infantil: riscos, conflitos e controvérsias. *Motrivivência*, Ano XI, n. 13, p. 221-238, 1999.

_____. Infância, prática de ensino de Educação Física e Educação Infantil. In: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T.; PINTO, F. M. (Orgs.): *Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física*. Florianópolis: UFSC, p. 1-6, 2002.

SOARES, D. B.; PRODÓCIMO, E; DE MARCO, A. O Diálogo na Educação Infantil: o movimento, a interdisciplinaridade e a Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1195-1208, 2016.

TARDIF, M. *Ambiguidade do saber docente nas reformas relativas à formação universitária para o magistério*. São João Del rei: Fundação de Ensino Superior de São João Del Rei (FUNREI) revista Vertentes, n. 15 Jan/Jun, 2000b.

VEENMAN, S. Perceived Problems of Beginning Teachers. *Review of Educational Research*, v. 54, n. 2, p. 143-178, 1984.

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

ESCLARECIDO **UNESP**  UNIVERSIDADE ESTADUAL

PAULISTA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bauru, ____ de _____ de 2016.

Prezado(a) Sr(a) _____,

Estamos desenvolvendo uma pesquisa com os professores de educação física do Ensino Infantil de Bauru/SP, que tem como título: “A educação física e o professor especialista na educação infantil: desafios e perspectivas”. O objetivo do estudo é analisar as perspectivas de professores de educação física a respeito da atuação na Educação Infantil. Para tanto, necessitamos de sua colaboração autorizando o uso de seus dados _____, sob sua responsabilidade, para participar da entrevista.

Lembramos que a qualquer momento você poderá retirar seu **consentimento livre e esclarecido** participar do estudo alvo da pesquisa.

O seu nome será mantido em sigilo, sendo utilizado como identificação um pseudônimo ou número. Entretanto, precisamos do seu consentimento para que possamos, posteriormente, publicar os dados desta investigação em artigos ou apresentá-los em reuniões científicas. Se estiver de acordo, por favor, preencha a declaração que segue abaixo.

Agradecemos antecipadamente a sua contribuição.

Atenciosamente,

Laura Beatriz Batista Vieira

Orientanda
Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-
01 - Bairro: Vargem Limpa
CEP 17033-360 - Bauru, SP
lauravieiraunai@gmail.com
Tel.: (14) 99856-8259

Prof. Dra. Fernanda Rossi

Orientadora
Departamento de Educação/FC
Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube,
14-01 - Bairro: Vargem Limpa
CEP 17033-360 - Bauru, SP
fernandarossi@fc.unesp.br
Tel.: (14) 3103-6081 Ramal 7553

TERMO DE CONSENTIMENTO (DECLARAÇÃO)

Eu,.....RG:.....,
residente e domiciliado(a) à
Av./Rua.....Bairro.....na
cidade de.....UF.....CEP....., e-mail.....

declaro estar ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa “A educação física e o professor especialista na educação infantil: desafios e perspectivas”, de Laura Beatriz Batista Vieira e Profa. Dra. Fernanda Rossi, manifestando o meu consentimento com a publicação das respostas, sejam elas favoráveis ou não, na forma de artigos e/ou em reuniões científicas.

Bauru, ____ de _____ de 20____.

Assinatura: _____

APÊNDICE B-ROTEIRO DE PERGUNTAS

- 1- Em que ano você concluiu sua graduação e em qual universidade?
- 2- Há quanto tempo trabalha na educação infantil? Como aconteceu seu ingresso nesse nível de ensino?
- 3- Qual base sua formação inicial te ofereceu para trabalhar com a educação infantil?
- 4- Em sua graduação, você teve alguma disciplina específica, voltada para esse nível de ensino? Qual(is)?
- 5- Quais conteúdos, atividades, experiências você teve na graduação que contribuem para a sua atuação na EI hoje?
- 6- Quais os desafios e dificuldades para trabalhar na educação infantil?
- 7- Quais conteúdos você trabalha com a Educação Infantil?
- 8- Quais conhecimentos a graduação deveria contemplar para formar o professor para atuar na EI?
- 9- Você participa de alguma formação continuada? Você fez/faz algum curso voltado para esse nível de ensino?
- 10- Qual importância você agrega à educação física na educação infantil para a formação da criança?
- 11- Você considera importante que o professor especialista atue com a Educação Física na educação infantil? Por quê?
- 12- Você crê que estamos perto de incluir o professor de educação física nesse nível de ensino em todas as redes?
- 13- Como é seu relacionamento com a professora Pedagoga? Vocês trabalham interdisciplinarmente?
- 14- Você está satisfeito com sua atuação profissional na EI?

APÊNDICE C- TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

P1

Entrevistador: Em que ano você concluiu sua graduação e em qual universidade?

Entrevistado: Eu fiz aqui na UNESP né, licenciatura. Eu terminei em 2013, coleí grau em 2014, dois anos.

Entrevistador: Há quanto tempo trabalha na educação infantil? Como aconteceu seu ingresso nesse nível de ensino?

Entrevistado: Comecei esse ano, então tem mais ou menos seis, sete meses. Eu trabalhava numa escola, e tinha um professor que precisou abrir mão dessas aulas, não sei exatamente porque. Ai ele me indicou, eu fiz uma entrevista lá no colégio, e deu tudo certo, foi bem rapidinho assim.

Entrevistador: Qual base sua formação inicial te ofereceu para trabalhar com a educação infantil?

Entrevistado: Então, na época da graduação a gente tinha pouco, acho que duas matérias assim, que eram voltadas. Mas eram bem confuso, assim, uma disciplina ficou com um professor que era bolsista, ele tava fazendo doutorado, acho que fazia parte do doutorado ele dar aula. E teve uma outra que era educação física escolar 1, que era fundamental e infantil, ai professora voltou mais pra educação do ensino fundamental 1. Mas o que deu base na verdade, assim, dessas disciplinas que eu posso falar especificamente era que eu, pelo menos pra mim, saia da disciplina com a conclusão de que a educação física no infantil né, era uma coisa mais da pedagogia, a gente ia trabalhar mais como pedagogo do que como professor de educação física que a gente tá acostumado. Mas também as matérias de cunho biológico, a matéria de crescimento é bem legal porque a gente entende os períodos motores e tal, a matéria de aprendizagem motora, na parte de aquisição de habilidades. E as disciplina de atividades lúdicas que eu lembro que eu lembro que a professora deu um enfoque assim, eu lembro que foi no primeiro semestre do curso, no segundo semestre do curso, então assim, foi bem lá atrás, mas era a questão do lúdico, do brincar, do jogos de imaginação e tal. E o que me ajudou bastante assim que eu li na graduação que eu fui aprender um pouquinho, foi quando eu li um livro que chama “Educação de corpo inteiro” que é do João Batista Freire. A gente teve uma disciplina o professor na época separou em grupos a sala e cada um ficou com uma concepção de ensino e o meu grupo ficou com a do João

Batista Freire que era voltada pro interacionismo, e tal, e ai metade do livro era os jogos, a educação física na primeira infância. Então foi assim o que mais me respaldou, depois que eu terminei a faculdade pra trabalhar nessa área.

Entrevistador: Em sua graduação, você teve alguma disciplina específica, voltada para esse nível de ensino? Qual(is)?

Entrevistado: Uma disciplina do departamento de educação. Era assim: tinha o estágio curricular, e ai uma disciplina educação física escolar, junto com o estágio, era uma disciplina de 2 créditos, eram 30 horas, teve muita aula que a gente não teve por causa do doutorado dele. Teoricamente era uma disciplina que era pra articular com o estágio, que foi o que o professor falou com comecinho da disciplina.

Entrevistador: Quais conteúdos, atividades, experiências você teve na graduação que contribuem para a sua atuação na EI hoje?

Entrevistado: De conteúdo né, como eu tinha dito atividades lúdicas, porque as matérias de esporte assim, a gente pegava o esporte e era uma coisa meio que formada já, era o esporte regra, o esporte conteúdo, não o esporte só rendimento, mas assim, para educação infantil tinha muito pouco. Então a matéria de atividades lúdicas, ai a disciplina de educação física no ensino fundamental 1, infantil, também ajudou. Até então era muito novo pra mim né, era uma coisa que a gente tava acostumado com jogo, com brincadeira, ai a professora dava bastante coisa com música, com essa questão da imaginação, com jogos de fantasia e tal. E os conteúdos que eu posso dizer, foram os conteúdos voltados para a questão da aquisição das habilidades, o que cada período reflete, o que é legal a criança ter, quais são as mudanças que ela passa nessa fase.

Entrevistador: Quais os desafios e dificuldades para trabalhar na educação infantil?

Entrevistado: Nossa, desafio muito né? Particularmente eu acho que do pouco tempo que eu tenho né, então eu costumo dizer que ainda eu to aprendendo muito, né. É mais porque tudo que você propõe, as crianças, elas fazem. Eles são muito receptivo, pelo menos os meus alunos né. Então as vezes assim, eu fico um pouco preocupado de dar uma coisa, de dar um conteúdo que não seja satisfatório, dentro da concepção de educação física mesmo. E as vezes o fato de a criança gostar não quer dizer que você deu uma boa aula, pode ser que você deu uma recreação lá que qualquer um dê e não tenha sido uma aula. E as dificuldades é assim coisas dessa faixa etária, então não

taacostumado com criança que chora. Então a aula é mais curta e eles querem mais ir no banheiro. Então, a minha experiência é essa, de você ter que controlar mais o tempo. Eles brigam mais, choram mais porque não é meu amigo e tal. E aí eu também fico preocupado assim eu coloco assim dentro da aula, eu divido por habilidades né, então habilidades manipulativas, locomotoras e estabilizadoras. E aí eu coloco brincadeiras, a maioria das coisas que eu faço é jogos de imaginação. Então as vezes eu fico preocupado em tentar não dar uma aula só focado na habilidade, pra não ficar uma coisa né? Apesar de você fazer com aventura, com magia, com história eu fico preocupado em ser uma coisa que entra no universo das crianças. Então é basicamente isso de saber articular o que é EF, o que é pedagogia e fazer de uma forma satisfatória, mas que também não fique a foi só brincadeira, foi só recreação, foi só musiquinha. Mais a questão do conteúdo mesmo.

Entrevistador: Quais conhecimentos a graduação deveria contemplar para formar o professor para atuar na EI?

Entrevistado: Na educação... então eu acho que justamente isso, eu tenho a impressão de que a gente é formado assim a partir do fundamental 1. Como a educação física no ensino infantil não é obrigatória. Tem lugar que é o professor da sala, e tem lugar que é o professor de educação física, eu acho que fica meio assim ou você aprende ou você não aprende. Assim na questão dos conteúdos, essa questão dos jogos das brincadeiras né. Como você pode trabalhar jogos e brincadeiras de uma forma que atenda às necessidades da criança, do refinamento das habilidades, das capacidades, mas que seja do universo infantil, às vezes eu vou dar alguma brincadeira eu coloco bastante regra, eu vejo que eles não entendem aí que eu caio na real, “nossa é muita regra”, coelhinho sai da toca tem que toca pra todo mundo se não eles não entendem que um vai ficar sem toca e tal. Então acho que não uma disciplina, um conteúdo mesmo que seja sem articulado. Por isso eu acho que as vezes a necessidade de alguém mais da área da pedagogia do que da educação física em si, que a EF acho que não conseguiu atingir ainda esse objetivo, ao meu ver.

Entrevistador: Você participa de alguma formação continuada? Você fez/faz algum curso voltado para esse nível de ensino?

Entrevistado: Não, ainda não. Quando eu ingressei, na escola eu ainda tava com um pouco de receio de não atender as expectativas e tal, então eu comprei alguns livros né, do João Batista Freire eu já tinha. Mas assim curso mesmo de formação, na verdade

nem sei onde tem, a não ser a nível de pós-graduação. Curso de curta duração até hoje eu não vi. Eu trabalho na escola particular, não na rede pública, então até hoje eu não vi, a escola não oferece também, mas eu gostaria muito, acho que é muito importante especialmente no meu caso que eu to começando agora

Entrevistador: Qual importância você agrega à educação física na educação infantil para a formação da criança?

Resposta:Então na questão das habilidades né? Porque eu vejo que a tarde eles tão no momento lá de recreação, apesar de ser uma coisa que eles gostam, é bem desatrelado. Então acho que a questão das habilidades, não na concepção desenvolvimentista porque ai você só fica nas habilidades, mas da criança poder trabalhar alguma coisinha né das habilidades de alguma forma que seja planejada, sistematizada no meu ver.

Entrevistador: Você considera importante que o professor especialista atue com a Educação Física na educação infantil? Por quê?

Entrevistado: Na minha opinião sim e não. Porque assim pelo o que eu percebi nesse nível e ensino tudo é quebrado, então é mesma professora que faz o soninho, que canta a música, que faz tudo né. Então ai você colocar o professor de EF tá fragmentando, que eu acho que não é legal, que dai você vai querer colocar o professor de inglês, português, artes e tal. Mas por outro lado, eu já conversei com as professoras assim, e elas não tem claro qual o objetivo do “movimento”, qual é a função do “movimento”, pra elas é simplesmente recreação, vai lá brinca do que quiser e de boa se na brincadeira aprender a fazer, por exemplo uma cambalhota, arremessar uma bolinha, legal. Se não aprendeu, também não faz diferença, então ai eu acho que é necessário, na minha opinião acho que, pelo menos das professoras que eu conversei lá no colégio (são 4 professoras), elas não tiveram nenhuma formação voltada para o “movimento” no EI. Elas brincam bastante, cantam bastante, mas parece que não é com um objetivo. Então eu acho que é importante dentro dessa não formação das pedagogas, acho que se elas tivessem uma formação voltada seria melhor que o próprio professor de EF, porque fica uma coisa fragmentada, por mais que a gente fale que vai fazer um trabalho interdisciplinar é diferente da professora dar algumas coisas e do professor dar outras. É uma resposta meio incoerente né.

Entrevistador: Você crê que estamos perto de incluir o professor de educação física nesse nível de ensino em todas as redes?

Entrevistado: Acho que não. Quando eu estava, bem na época que eu estava nessa disciplina que eu falei no começo da entrevista, o professor comentou que tinha uma cidade que eu não lembro o nome que, perto de São Carlos, que na época a prefeitura tinha colocado o professor de EF no EI pra estar nas creches, e ai depois de um tempo eles tiraram porque chegaram a conclusão que não fazia diferença. Eu acho que ainda não, porque a formação, pelo menos na minha opinião, ela não ensina, ela deixa a desejar em relação a EF infantil. Na prefeitura de Bauru eu sei que tem, acho que umas 60 escolas de Fundamental 1, eu sei que as professoras fazem curso, eu sei porque eu tenho uma filha e ela dá aula, ele fez esse curso que era pro EI e tinha muita professora e tal, e eu vejo que eles não falam nada, ta bem distante ainda, justamente porque, não sei, falta talvez a EF encontrar a identidade do professor nesse nível de ensino, que na minha opinião é diferente dos outros níveis.

Entrevistador: Como é seu relacionamento com a professora Pedagoga? Vocês trabalham interdisciplinarmente?

Entrevistado: O relacionamento é bom sim, a gente conversa bastante, eu até pergunto, mas assim eu lembro que quando eu entrei foi justamente isso que eu fiz, conversei com elas pra saber o que elas entendiam, o que elas achavam legal pra eu trabalhar, e elas falaram que “o movimento” pra elas era a hora livre, não tinha nada de conteúdo sistematizado. Em vista do que elas me falaram do ano passado, a gente trabalha melhor. Logo que eu entrei a coordenadora deu apostila que ela segue e na apostila tem algumas sugestões, mas a sugestão é bem superficial. Então que nem, no dia do índio eu lembro que eles ficaram a semana toda fazendo coisa do índio, eu tenho um livro de cultura indígena, eu peguei umas brincadeiras de índio, e a gente conversava basicamente pra falar alguma coisa que desse relação, mas eu ainda acho que ta bem longe assim. A gente não senta pra planejar o bimestre o junto, a professora vai dar uma coisa na sala e eu vou tentar algo relacionado na aula de EF. É mais da minha parte com elas, do que a parte do colégio, da coordenação de falar ó “vamos fazer junto”. Até é assim porque eu não participo da reunião pedagógica coletiva, elas fazem uma vez por semana, e eu não participo, então eu não sei o que elas discutem no planejamento do bimestre, do semestre, enfim. Fica mais uma coisa minha assim porque faz parte, as vezes elas contam uma historinha do castelo e eu monto um circuito de habilidades pra dai ter um pouquinho mais de significado que eles conversaram com a professora e fizeram comigo. É uma coisa mais unilateral não é uma política da escola.

Entrevistador: Você está satisfeito com sua atuação profissional na EI?

Entrevistado: Não, acho que talvez... eu imagino que assim, pra ter uma boa atuação você nunca pode estar satisfeito, você sempre tem que buscar melhorar e tal. Mas eu acredito assim, que eu preciso aprender muito, porque é muito novo é muito interessante pra mim, essa questão dos conteúdos, essa preocupação que eu falei em dar uma aula totalmente voltada pra habilidade, mas também não ser só uma recreação. Então hoje eu diria que não estou satisfeito, espero não ficar, eu acho que no dia que estiver satisfeito a gente acomoda, ai pode cair a qualidade da aula. Então espero não ficar satisfeito

Entrevistador: Tem alguma coisa que você queira acrescentar?

Entrevistado: Não, acho que é basicamente isso.

Entrevistador: Então é isso, obrigada.

P2

Entrevistador: Em que ano você concluiu sua graduação e em qual universidade?

Entrevistado: Eu conclui a graduação aqui na UNESP de Bauru. Foi no ano de 2011

Entrevistador: Há quanto tempo você trabalha na educação infantil e como aconteceu seu ingresso nesse nível de ensino?

Entrevistado: Na verdade eu sempre morei em Bariri, né.

Entrevistador: Uhum.

Entrevistado: E aí eu fui fazer a faculdade aqui em Bauru. Quando eu me formei, eu fiquei um ano sem atuar na área escolar e eu trabalhei num clínica de fisioterapia. Na verdade eu não era habilitado, mas trabalhei com natação. Era a única coisa que tinha sobrado.

(Risos)

E nesse tempo fui prestando os concursos, né. E aí abriu o concurso na Barra Bonita. Inicialmente eu não sabia que era voltado para a educação infantil. Tinham quatro vagas e eu prestei, passei em segundo, e na verdade entrei em primeiro, porque a primeira candidata não quis assumir. Então foi meio assim que por acaso, mas foi por meio do concurso. E há três anos que estou na área de educação infantil. Esse é o quarto ano.

Entrevistador: qual base sua formação inicial te ofereceu para trabalhar com educação infantil?

Entrevistado: Nós tivemos uma disciplina específica na educação infantil que eu lembro que foi com a professora Liene. Eu acho que... Eu acho que foi a disciplina que deu mais base assim, teórica e tanto assim de reflexões na prática também, pra atuações. Em relação a educação infantil acredito que foi a única... Uma professora deu uma pra gente também mas não era voltada pra educação infantil, se não me engano. Ela tava substituindo na época.

Entrevistador::uhum

Entrevistado: então, na disciplina eu não fiz nenhum curso de especialização, nada. Acho que não lembro de nenhum congresso que eu participei com a temática também. Mas assim, o que me deu suporte foram os textos, os referenciais teóricos que foram discutidos durante a disciplina.

Entrevistador: L: Uhum... Quais conteúdos, atividades e experiências você teve na graduação que contribuiu para a sua atuação hoje?

Entrevistado: certeza, mas eu acho que isso é sobre o RCNI, que é o Referencial Curricular Nacional, que falava bastante da questão de atividades locomotoras, né, atividades manipulativas e atividades expressivas. E eu lembro que dentre esses... dentre essa temática, a gente tinha que, é... elaborar planos de aula sobre, entendeu? Então a gente buscou atividades e também lembro que ela trabalhou com um livro que eu não me recordo o nome, que era daqui da biblioteca, só tinha um... (risos) que a gente teve que fazer um trabalho bem bacana sobre as fases do desenvolvimento, então por exemplo: quais atividades seriam adequadas de zero a um ano, de dois a três... eu lembro também dos jogos simbólicos, os jogos de regras... Eu acho que foi até os sete anos que trabalhava esse livro. Então assim, me deu uma base pra refletir sobre o que é adequado e o que não é adequado pra essa faixa etária em relação ao desenvolvimento da criança, né, e dessas especificidades.

Foi uma disciplina bem puxada, eu lembro. Da faculdade, foi uma das únicas contribuições também. Fora também as outras disciplinas que a gente teve, que assim, a gente podia fazer um gancho, às vezes puxar alguma atividade, né. Na graduação foi isso. Tem alguma coisa fora da graduação assim que poderia falar ou não? Qual é a pergunta mesmo?

Entrevistador: Ó, essa é na graduação. Lá em baixo tem uma pergunta que fala sobre às vezes curso, alguma coisa pra...

Entrevistado: Ah, tá certo, perfeito!

Entrevistador: Quais os desafios e dificuldades para trabalhar com educação infantil?

Entrevistado: Desafios e dificuldades... Nessa transição, né? Que eu tive. De por exemplo, nunca ter tido alguma expectativa em trabalhar com essa faixa etária e... por exemplo, eu acho que quando eu entrei, no primeiro ano, a maior dificuldade foi o relacionamento com as crianças. A gente tem assim, um esboço na memória... na memória não! Na bagagem que a gente tem de conhecimento que poderíamos trabalhar. Mas quando a gente entra em contato com a criança, que tem um universo totalmente diferente do nosso... Assim, por exemplo, jovens e adultos... que eu acho que é um pouquinho de dificuldade... porque a gente tem que fazer umas adaptações pra eles pra

entrar em contato com a criança, até mesmo pra comunicação, né. E pra dirigir as atividades, tudo. Eu acho que foi isso. No primeiro ano, eu lembro que assim... a gente tem a coordenadora pedagógica do município pra orientar as praticas, mas eu lembro que no primeiro ano ela deixou a gente bastante livre pra desenvolver as aulas, eu fiquei bastante feliz! Então eu trabalhei com muita coisa assim, que eu criei. A gente foi criando, sabe? Conforme as atividades da escola, os materiais disponíveis e todo o conhecimento que eu adquiri na faculdade, né, eu tinha ali uma liberdade pra criar isso.

De dificuldade... Deixa eu pensar mais alguma coisa. Adaptar a comunicação, né. E tipo assim, querendo ou não, eu tive uma disciplina que foi bastante legal só que... como que eu posso dizer? É que também na graduação a gente tem assim: é como se fosse uma pincelada, não tem também como aprofundar muito.

Entrevistador: Uhum

Entrevistado: então, mas assim, se eu soubesse que iria atuar nesse nível de ensino, talvez eu tivesse pesquisado outras possibilidades pra essa faixa etária. O que mais? Hoje em dia eu me deparo com algumas dificuldades em relação ao currículo mesmo. É, por exemplo, algumas atividades que tem alguns manuais ou orientações que eu não concordo! Até mesmo... E... e eu acho que eu tive alguma dificuldade com essa questão do currículo. Por exemplo, se você tem uma equipe pedagógica que tem uma determinada perspectiva de ensino e eles trabalham com determinadas estratégias, e você tem outras, as vezes você tem um conflito aí de ideologia. Eu passei por isso, também nos anos iniciais. Não foi no primeiro mas foi posteriormente. Acho que é isso.

Entrevistador: Quais conteúdos você trabalha na educação infantil?

Entrevistado: Então, nesse período de... eu vou dividir nos três anos que eu atuei.

Entrevistador: Uhum

Entrevistado: No primeiro ano eu fiquei bastante livre pra desenvolver o conteúdo, então eu elaborei algumas estratégias pensando nessas necessidades básicas: locomotoras, manipulativas e expressivas. É... mas assim, eu acho que eu também não fiquei muito... é... na verdade eu acho que eu fiquei bastante preso na questão das brincadeiras tradicionais, sabe? Então brincadeiras com corda, pega-pega eu trabalhei bastante. Apesar dos jogos de regras não serem assim, eu lembro que na faculdade não

são tão direcionados pra essa faixa etária, eu utilizeis bastante. Amarelinha, pé de lata, esses jogos folclóricos também.

Porém, depois de algumas reflexões assim... Na verdade foi assim: no primeiro ano eu tive liberdade pra desenvolver o conteúdo, no segundo eu tive... como se... planos de aula, que a minha coordenadora enviou pra eu desenvolver. Eu achei que eu fiquei um pouco limitado. Não fiquei tão contente na pratica assim, por ter a responsabilidade de desenvolver alguma coisa que não foi elaborada por mim. Mas enfim... é... eu gosto de trabalhar bastante com esses jogos simbólicos, apesar de não nomear eles dessa maneira. Eu acho que, por exemplo, confecção de ambientes pra crianças ter a possibilidade de desenvolver sua autonomia, e a questão do brincar também. Eu sou um pouco criticado pelo pessoal lá na Barra por isso. Mas eu acho que a gente tem que desenvolver uma atividade sim, mas não acho que tem que ser uma coisa tão militar assim, de falar pra criança “Tem que fazer isso agora!”, então acho que você limita. A criança, eu acho que ela se comunica pelo corpo. Então assim, se eu for dar uma atividade como o tradicionalmente corre-cotia, eu vou ter que forçar a criança a ficar ali na roda. Muitas vezes ela não quer!

Entrevistador: sim!

Entrevistado: então eu acho que eu ainda preciso evoluir. Tanto que meu trabalho de mestrado é em relação a isso. Pretendo propor um metodologia crítica na infância, que se aproxime assim das **Entrevistador: Quais conhecimentos a graduação deveria contemplar para formar um professor pra atuar na educação infantil?**

Entrevistado: Quais conhecimentos? Eu acredito que os conhecimentos teóricos que são indispensáveis. Na graduação, por exemplo, o professor proporcionar um diferente leque de...

Entrevistador: Possibilidades

Entrevistado: Possibilidades assim teóricas. Por exemplo, diferentes artigos que tratem de diferentes metodologias. Experiências de ensino também devem ser divulgadas nessa formação inicial. É... o que mais? A questão do estagio. Eu fiz o estagio, não cumpri todas as horas pra falar a verdade. Mas assim, a questão de ter ido na instituição de ensino, conversado com o professor algumas vezes, eu acho que é muito importante e, por exemplo, se a gente pudesse ter esse domínio de... dominar efetivamente que o graduando tivesse realmente essa relação na pratica e na escola, né, eu acho que seria

muito produtivo pra essa formação inicial. E levar dessa pratica, desse estagio, pra graduação, né? E discutir com o professor e com os outros alunos. Acho que seria isso.

Entrevistador: Uhum... Você participa de alguma graduação continuada ou fez algum curso voltado pra esse tipo de ensino?

Entrevistado: É, nós temos assim, as capacitações que o município oferece, voltadas pra essa área de ensino. E nós temos também encontro coletivos com os professores do município que a gente discute a nossa pratica. Apesar de muitas vezes não ser muito efetivo, né? E...

Entrevistador: Mas por que você fala que não é muito efetivo?

Entrevistado: ah... Por exemplo, assim, sei lá o que acontece na realidade que não contempla essa questão pratica de ensino. Muitas vezes, a gente vai lá, discute algum texto, mas muitas vezes não é questionado que o que você tá fazendo é realmente voltado pra construir um plano de aula ou algo que venha de encontro com essa necessidade do aluno. Eu acho que deveria ter algum... nessa formação continuada... alguma coisa que realmente formasse o professor. E não que fosse um tempo ali pra desabafo dos problemas, sei lá. Acho que poderia ser um pouco mais efetivo esse encontro de APTC ou de AHE dependendo da instituição que eles chamam, né.

E agora com essa formação continuada que na verdade é... realizada aqui no mestrado profissional, meu projeto é em relação a educação infantil. Nós vamos estudar as concepções metodológicas e teóricas que orientam os professores nessa prática. Pra entender também as influências, né. Na escolha das estratégias, na escolha da relação com o aluno e propor como produto uma proposta critico-emancipatória. Você já deve ter ouvido, né? Do **Eleonor ?**, mais ou menos nessa linha. Coloquei Eleonor ? porque eu ainda tô estudando algumas outras linhas. É... essa proposta alinhada com educação sustentável, aprendendo com materiais sustentáveis. Eu gosto bastante de trabalhar com pneu, com garrafas. E não é porque a instituição não tem os materiais. Todo ano sempre vêm os materiais que eu peço, mas eu acho que é uma questão da consciência do aluno e também de você reaproveitar outros materiais. Gosto bastante de trabalhar nessa linha.

É... é isso. O que mais eu fiz na educação infantil voltado pra esse nível?

Entrevistador: Congresso...?

Entrevistado: não, não fiz nenhum congresso voltado pra educação infantil. Fiz alguns outros mas que não são voltados pra esse nível de ensino.

Entrevistador: **uhum. Qual importância você agrega da educação física na educação infantil para a formação da criança?**

Entrevistado: (risos) essa pergunta é bem curiosa porque nossa disciplina trabalha com o corpo, né?

Entrevistador: **Sim.**

Entrevistado: e é uma disciplina que favorece isso pra que criança. E a criança já te isso por si só, é uma característica dessa faixa etária, eles se movimentam muito livremente e eu acho que às vezes as outras disciplina, por exemplo os pedagogos que tem uma metodologia manual ou... Como que a gente diz? Um método de ensino pronto, as vezes... e também a própria concepção que o professor tem de desenvolver esse método, né? Eu acho que muitas vezes as outras disciplinas que são oferecidas acabam não contemplando o corpo e o brincar, que vem sendo bastante esquecido. A educação física favorece justamente por isso, acho que a partir da brincadeira e dessa questão lúdica, o movimento... A gente pode não introduzir, mas ir direcionando pra ir desenvolver, por exemplo, aquilo na criança que ela tem mais dificuldade, valorizando suas qualidades. A educação física nesse sentido pra criança é muito importante. Você pode perceber, quando eu tava falando com uma amiga e conversando. Gente, quando a gente chega na porta da sala pra pegar as crianças pra fazer educação física, é uma festa! Porque elas saem da cadeira que tão sentadas muitas vezes e vão se movimentar, criar relação com os amigos, as brincadeiras... Eu acho que é bastante importante. E acho que é o que deveria ser enfatizado: a questão do corpo e do movimento nessa fase.

Entrevistador: **Você considera importante que o professor especialista atue com educação física na educação infantil? Por quê?**

Entrevistado: Na verdade, eu considero muito importante apesar de caracterizar ainda uma fragmentação do ensino, né? Por exemplo, pedagoga na sala, educação física como uma disciplina a parte, aí tem algumas instituições ainda que oferecem outras práticas como o inglês, né, fora a educação física, dependendo aí do ensino particular ou municipal.

Nesse sentido... Qual que é a pergunta? Você considera importante que o professor especialista...?

Um ponto importante é que o professor especialista, por exemplo, ele tem uma formação muito mais ampla pra trabalhar com educação física. E os pedagogos, professores generalistas que não são assim nomeados, talvez não tenham tanto conhecimento, né? Tanta reflexão no assunto pra trabalhar com isso. Acho que o ideal seria, né? Um trabalho conjunto aí, interdisciplinar e que pudesse de fato ir de encontro com as expectativas e necessidades do aluno. Eu acho que tem os prós e os contras.

Entrevistador: Você crê estamos perto de incluir o professor de educação física nesse nível de ensino em todas as redes?

Entrevistado: Eu acredito que seria interessante sim, já que nós temos uma faculdade que por mais que seja fragmentada, mas que seja interessante justamente por esse conhecimento específico que a gente tem, que a gente querendo ou não domina. Mas eu acho que devia ser nesse sentido: incluir o profissional pra que ele trabalhasse numa perspectiva mais colaborativa com os outros profissionais da escola.

Entrevistador: Como é seu relacionamento com a professora pedagoga? Vocês trabalham interdisciplinarmente?

Entrevistado: Olha, quase nunca. Sabe por quê? Porque quando eu entrei nesse concurso, o que aconteceu? As professoras, elas davam educação física antigamente. E quando a gente ingressou, o que aconteceu? O horário que é destinado pra educação física, as professoras ficam com esse horário destinado para hora de estudo delas, então por exemplo, se eu for fazer um trabalho interdisciplinar com a professora, geralmente ela tem outros afazeres, entendeu? Então na verdade fica aquela coisa também, né? Não do tempo livre, mas um tempo pra ela dedicar aos afazeres até mesmo burocráticos, né? Fazer ficha de aluno, planejamento. Mas assim, teve uma vez que eu trabalhei interdisciplinarmente quando uma professora me pediu pra eu montar uma coreografia pra Festa de Primavera. Ela disse assim “Ivo, me ajuda? Porque eu não sei o que eu vou fazer esse ano. Queria fazer alguma coisa diferente!” E foi quando ela lançou a proposta pra mim e a gente construiu uma coisa junto com os alunos: uma coreografia. Ela escolheu uma música, a gente ouviu várias vezes a música e foi pedindo sugestões pros alunos, né. “O que nós poderíamos fazer nessa hora da música?” Foi bastante bacana.

Mas assim, no geral eu converso bastante com ela sobre os alunos, tudo. Mas assim, uma hora que eu estou junto com a professora trabalhando com as crianças é bastante difícil, justamente por esse horário que é destinado para os estudos dela, né? É bastante complicado. Mas eu acho assim, que deveria ter uma... Sei lá... Um... Criar um novo conceito, né? Porque a gente tá muito preso à essa questão dos horários, né? Querendo ou não, acho que isso faz parte da nossa atuação profissional. Acho que isso impede um pouco, mas eu pretendo futuramente trabalhar mais.

Entrevistador: Você está satisfeito com a sua atuação profissional na educação infantil?

Entrevistado: Olha, assim, eu não estou totalmente satisfeito porque eu posso melhorar bastante na questão prática. É... mas é o nível de ensino que eu trabalho que mais me trás felicidade e realização. Eu dou aula no ensino fundamental também, é pelo estado, né? Na educação infantil eu trabalho pela rede municipal. E no estado, assim, eu não vejo muito retorno. Na educação infantil, o retorno é muito rápido, eles não têm muitas limitações. Por exemplo, você propõe uma atividade e eles na maioria das vezes sempre vão fazer. E você tem o feedback deles muito rápido também. Se gostou ou não gostou, o que poderia fazer... Eles dão sugestões, então são bastante participativos.

Eu tô bastante satisfeito mas eu ainda quero melhorar bastante em termos metodológicos e em termos cooperativos, até mesmo com a equipe pedagógica da escola.

Entrevistador: tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Entrevistado: E agora? Cê vai trabalhar...? Qual que é seu tema mesmo?

Entrevistador: Dificuldade inicial na atuação.

Entrevistado: Com a criança...? Eu acho que a maior dificuldade nossa é permitir que a criança desenvolva todas as suas potencialidades que é tão natural. Muitas vezes a gente impõem limites que estão na gente mesmo. A criança não tem limite e quando ela começa a conhecer as coisas, é claro que a gente tem que dar um suporte, até mesmo pra segurança da criança, mas eu acho a maior dificuldade é reconhecer que a criança, mesmo sendo muito nova, ela já tem as suas... Como que eu posso dizer? Ela já tem as suas capacidades, as suas criações. As crianças são muito criativas. Muitas vezes a gente acaba anulando isso, dependendo de que perspectiva você trabalha ou mesmo como

você se comunica com ela. Muitas vezes a gente acaba privando a criança e não estimulando que ela se desenvolva mais. Eu acho que é isso.

Nossa, tudo isso que a gente tá conversando já? Meia hora quase?!

Entrevistador: vinte e cinco minutos

(Risos)

Entrevistado: eu acho que é isso: se a gente permitisse que a criança pudesse explorar mesmo, até mesmo em questão de materiais e de relação com o outro, seria mais benéfico.

Entrevistador: Muito obrigada!

Entrevistado: Imagina, eu queria agradecer pela oportunidade!

P3

Entrevistado: disciplina especifica voltada para esse nível de ensino...qual é o nível de ensino?

(simultâneo) R: ciclo um e dois? R: o da educação infantil

Entrevistador: Não, é do infantil

Entrevistado: Ah, tudo do infantil aqui

Entrevistador: é, tudo relacionado ao infantil

Entrevistado: hmm, que eu lembre não [pausa] *você já está gravando?*

Entrevistador: *estou*

Entrevistado: *ai meu deus* Vou lendo e vou respondendo?

Entrevistador: Olha, se você quiser que eu leia e ai você responda

Entrevistado: Então vamos lá

Entrevistador: Então, quando você concluiu a graduação foi 91, na Unesp

Entrevistado: *na UNESP*

Entrevistador: Trabalha a 20 anos né, na educação infantil

Entrevistado: Isso

Entrevistador: e como você começou a trabalhar na educação infantil?

Entrevistado: Eu prestei concurso né. Eu estudei, fiz cursinho pra concurso. Nem queria fazer mas por insistência da minha família eu fui fazer, estava com o meu bebe, tinha acabado de nascer o meu filho. Em abril ele nasceu, eu prestei o concurso e já entrei em agosto. Então, agosto de 96 eu entrei na educação infantil

Entrevistador: E qual a base, sua formação inicial te ofereceu para trabalhar em uma educação infantil?

Entrevistado: Na educação infantil eu fiz magistério e depois eu fiz a pedagogia né. A faculdade de pedagogia

Entrevistador: Fez na UNESP mesmo?

Entrevistado: Não, pedagogia eu fiz em Barretos, foi só uma complementação. Eu já tinha em educação física e aí eu fiz uma complementação dentro da pedagogia.

Entrevistador: **Em sua graduação você fez alguma disciplina específica voltada pra esse nível de ensino?**

Entrevistado: Na época era assim, muito esportiva né, a educação física muito voltada para o esporte. Tinha até educação escolar, mas que eu me lembre assim é, relacionado a educação infantil específico, que eu me lembre não. Faz só um pouquinho de tempo que eu me formei né (risos)

Entrevistador: **é... você lembra de algum conteúdo, atividade ou experiência que contribuiu para sua atuação hoje na educação infantil?**

Entrevistado: Olha, a gente tinha muito... (ruído) atividade esportiva. Então pouco tinha assim relacionado a educação infantil né. E na verdade o que eu trabalho na educação infantil nem é a educação física. Eu trabalho mais a formação pedagógica, alfabética da criança. Eu tenho alunos de um ano e oito meses até quatro anos que acabaram de fazer e uns que vão fazer já quase 5 anos aí. Então na verdade eu não trabalho a educação física na educação infantil, especificamente. Claro que a gente dá atividades e brincadeiras que envolvem a educação física, mas específica a educação física na educação infantil, não é isso que eu trabalho.

Entrevistador: **Quais desafios e dificuldades para trabalhar na educação infantil?**

Entrevistado: Eu trabalho com uma turma muito mista né. De crianças de dois anos que ainda nem andam direito e algumas crianças já maiores que vão fazer cinco anos, tudo nessa turma. Então eu tenho vinte e duas crianças

Entrevistador: **Na mesma turma?**

Entrevistado: na mesma turma e trabalho sozinha. Eu não tenho auxiliar, eu não tenho alguém... tenho uma moça que é auxiliar da escola toda que troca a fralda dos que tem fralda, porque eu tenho vários com fralda. Então esses que usam fralda e acabaram de fazer dois anos, não falam ainda. É... as vezes cai muito porque não consegue andar ainda direito, então a locomoção deles é difícil, mas eles brincam, participam das atividades. Mas como a idade é muito diferente, é difícil dar uma atividade diferente para cada idade. Então eu tenho que trabalhar junto com todos... então é difícil, não é fácil não

Entrevistador: entrando um pouco nisso, que você falou de trabalhar com todos juntos, quais conteúdos você costuma trabalhar com eles?

Entrevistado: Olha, você está falando específico da educação física ou geral? Porque eu trabalho o geral né... eu trabalho assim olha: independência deles, o como lidar com tudo sozinho, cuidar das coisas dele, a socialização de tudo. É... essa idade mor de bate, briga. Eles estão em uma fase de que tudo morde, um morde o outro. Ele quer o brinquedo do outro mas ele não quer pedir por outro, ele quer morder... ele morde. Se o outro não deixou ele morde. Então eu trabalho muito isso: o respeito com o colega, a socialização entre eles, está com o brinquedo na mão vamos respeitar, vamos conversar. Então é mais isso né, é a independência da criança. Aquele de dois anos pouco vai... mas acaba até melhorando. Ele cuida da coisinha dele, da blusa né, agasalho, agora estava frio... tirou o agasalho, vai guardar na sua mochila. A gente vai atrás pra ver se está guardando na mochila certa, porque muitas vezes não. Então é isso que eu acabo trabalhando assim, é... com a turma. E claro, específico da educação física é a locomoção deles, é o subir no escorregador. Quando eles entram na escola, muitos não conseguem nem subir, a gente tem brinquedos muito altos, era para criança de quatro anos na escola. E não foi reformulado esses brinquedos, então continuam os mesmos brinquedos. As crianças de dois anos as vezes não conseguem nem subir o degrau da escada que vai para o escorregador, então depois de um certo tempo ele vai adquirindo essa habilidade né e vai subindo o degrau, é... vai brincando no escorregador, vai brincando na ponte. Então nós temos brinquedos muito altos para crianças maiores. Então, é... um ponto negativo isso pra criança pequena, mas ao meu ver isso vai desenvolvendo um pouco mais rápido a criança que está participando junto com o maior.

Entrevistador: É... quais conhecimentos a graduação deveria contemplar para formar o professor ?

Entrevistado: R: (risos discretos) É assim ó, eu acho assim... a formação que a gente tem na faculdade ela é muito superficial né? Ela tudo né... por mais que a universidade tenta abranger o conteúdo para você trabalhar na educação infantil ou em qualquer segmento, é... é muito superficial. Você vai aprender a trabalhar mesmo a trabalhar com aquele segmento, seja educação infantil, ciclo um, ciclo dois, ensino médio, trabalhando... ali, atuando. Eu tinha muita dificuldade em trabalhar com o ciclo 2 e eu trabalhei bastante com o ciclo dois. Mas tudo... você vai se adaptando a situação. Eu não

sabia trabalhar com o ensino médio e eu fiz um trabalho muito legal com o ensino médio lá no Plínio Ferraz. Então, mas como que foi? A formação ajudou? Ajudou. E até a própria universidade me dava muito apoio em relação a conteúdos. Vários professores foram me ajudar com relação a anabolizantes para o ensino médio, palestras. O Milton foi dar palestra para a gente lá, então tudo a gente tem que estar buscando né? O profissional não sai pronto de uma universidade. A universidade por mais que a gente espera, por mais que a gente... ela embasa a gente de várias coisas é.. aquele, o profissional tem que buscar sempre melhorar, conhecer e se adaptando dentro daquilo que você vai trabalhar

Entrevistador: É... você participa de alguma formação continuada? É... já fez algum curso voltado para educação infantil?

Entrevistado: Ah, a gente faz direto. Prefeitura oferece muita coisa pra gente com relação a formação continuada: educação física, dentro só propriamente da educação infantil. Acabei de fazer um agora, é... ligado a crianças de zero a três. Porque a minha formação e quando eu prestei concurso não era para criança menor de três ano. Então eu não sabia nada de criança de berçário e criança de um ano dois. Eu sei porque eu tive meu filho e a gente tem experiência como mãe, mas como profissional eu não tive essa experiência. Então eu estou sempre buscando e a prefeitura oferece muito curso de formação pra gente, então eu estou sempre buscando. Acabei recentemente ai, não faz nem um mês, um curso que abrangeu crianças de zero a três anos da educação infantil. Então lá falou como brincar, como você trabalhar com a arte, com a educação física, é... com tudo né? Então abrange tudo, porque a educação infantil querendo ou não a gente tenta abranger todos os aspectos da criança né.

Entrevistador: Qual importância você agrega na educação física na educação infantil para a formação da criança?

Entrevistado: Ela é essencial né. A educação física, é... A criança está se movimentando, ela está se desenvolvendo. Então aquela criança que nem anda direito, se eu colocar ela em uma carrinho, sentada o dia inteiro, ela não vai desenvolver nada. Então o que a gente faz, alguma mães até pedem “deixa a criança no carrinho, pode deixar. Começou a chorar, deixa no carrinho” e ali na escola a gente prefere tirar a criança do carrinho, mesmo que dê um pouco mais de trabalho porque eu tenho vinte e duas crianças. Então eu não tenho como dar atenção para um né, mas de vez em quando a gente pega essa criança e dá uma atenção especial ai pra ela

Entrevistador: Você considera importante que o professor especialista atue com a educação física na educação infantil? Por quê?

Entrevistado: Então, seria ideal né. A gente como professor... eu vejo como professora e profissional da área de educação física. Se tivesse um professor especialista, ele trabalharia dentro da educação física. A gente tem dia, tem semana, que a gente passa...você não trabalha nada específico porque choveu, não dá para ir ao parque, aí o pátio alaga, você não consegue fazer nenhuma atividade fora de uma sala de aula. Aí a sala de aula... o piso é escorregadio, você não vai dar para a criança correr ou se movimentar. A gente tem algum material para fazer rolamento no chão, a gente até utiliza bastante, mas tem semana que especificamente a educação física a gente não consegue trabalhar. Então se fosse um profissional direcionado para só isso, claro que seria muito melhor para o desenvolvimento da criança. Ainda mais essas crianças que estão aí aprendendo a andar e... né, criando essa habilidade.

Entrevistador: Você crê que estamos pertos de incluir de educação física no mesmo nível de ensino em todas as rede?

Entrevistado: (risos) É muito triste... a gente tinha até uma esperança assim sabe? A prefeitura prometia isso pra gente, mas agora com toda essa mudança aí, com a educação física tirando a obrigatoriedade da educação física do segmento, é muito difícil né? Eu só não sei se a gente vai ficar parado né? A gente não pode ficar parado esperando alguém tomar alguma decisão por nós, eu acho que os profissionais dessa área da educação física, até os profissionais... ontem a gente estava conversando na escola sobre isso: os professores mesmo de ciclo um que estão trabalhando na sala de aula foi um ganho pra eles muito importante, o profissional de educação física trabalhando junto com eles, porque é um momento que a criança precisa disso, porque eles não vão sair da sala de aula, um professor que é da sala de aula, ele não vai sair da sala de aula para dar atividade na quadra para os alunos se ele não é especialista

Entrevistador: aham, sim

Entrevistado: Então pra eles foi um ganho muito grande. Ontem a gente estava discutindo isso e uma professora sugeriu “gente nós não vamos fazer um painelão, não vamos fazer nada pra que reverta essa situação na educação física, sabe?”

Entrevistador: Teve uma manifestação na semana passada na praça Rui Barbosa, acho que na quinta ou na sexta, mas eu não sei se teve muita gente

Entrevistado: é então, não teve muita divulgação né? Precisa divulgar tudo isso porque os professores que não são da área de educação física estão preocupados também né? Porque pra eles isso foi uma conquista também junto com a gente, então eles estão querendo aí tentar ajudar de alguma maneira e a gente precisa fazer alguma coisa porque parado a gente não pode ficar né? E o CREF infelizmente não faz nada, então... é triste a situação. Então eu penso assim: poderia... como é que é? A gente poderia até... Não estou satisfeita com essa situação, a gente sabe que vai ser mais difícil né? Mas com toda essa mudança a esperança é... não entrar para trabalhar na educação infantil. Infelizmente... poderia ser uma coisa muito importante para criança.

Entrevistador: você está satisfeita com a sua atuação na educação infantil?

Entrevistado: Olha, eu... a gente sempre busca melhorar diariamente né? A gente nunca está satisfeita, a gente sempre busca melhorar e eu tenho uma pós-graduação, sou formada em educação física, tenho em pedagogia e tenho uma pós em psicopedagogia dentro da área da educação. Inclusive ontem eu estava falando com a Ju que eu queria fazer uma pós em educação física, em educação infantil ou em alguma coisa que eu já trabalho. É... e eu estou sempre assim, buscando. A gente nunca está satisfeito com aquilo que a gente faz né? Ainda bem! Porque a gente está sempre buscando. Então quanto a prefeitura oferece muita coisa pra gente, até ajuda de custo para esse tipo estudo, então eu estou buscando alguma formação assim, dentro da educação física pra educação infantil, vamos ver se eu consigo vaga para isso no ano que vem, eu quero, estou determinada a fazer. Eu nunca estou satisfeita ta? (risos)

Entrevistador: Você tem alguma coisa que gostaria de acrescentar?

Entrevistado: ah, assim... infelizmente a educação física, como eu conversei com você já antes né? Está deixando muito a desejar. As vezes as escolas querem que a gente... a gente está trabalhando, trabalhando legal e dependendo da situação que acontece em uma escola ou outra, a escola.. a direção da escola tem uma postura diferenciada. Então eles não valorizam muito o profissional da educação física, infelizmente a gente ainda não tem o valor que a gente gostaria de ter, por mais que a gente faça... ah antigamente o professor dava lá, jogava a bola né? De educação física... e deixava os alunos soltos, era essa a visão que todo mundo tinha da educação física. Infelizmente a gente ainda não conseguiu reverter essa situação e valorizar o nosso profissional. O profissional que nós somos e a gente está trabalhando. E na hora que a gente consegue tentar reverter essa situação vem um pai que não tem a visão da educação física e reclama na escola e

ai tudo cai por água baixo. Infelizmente a gente ainda tem que lutar muito para conseguir é... a valorização profissional que a educação física merece, que é tão importante na formação de uma criança. Mas é isso...